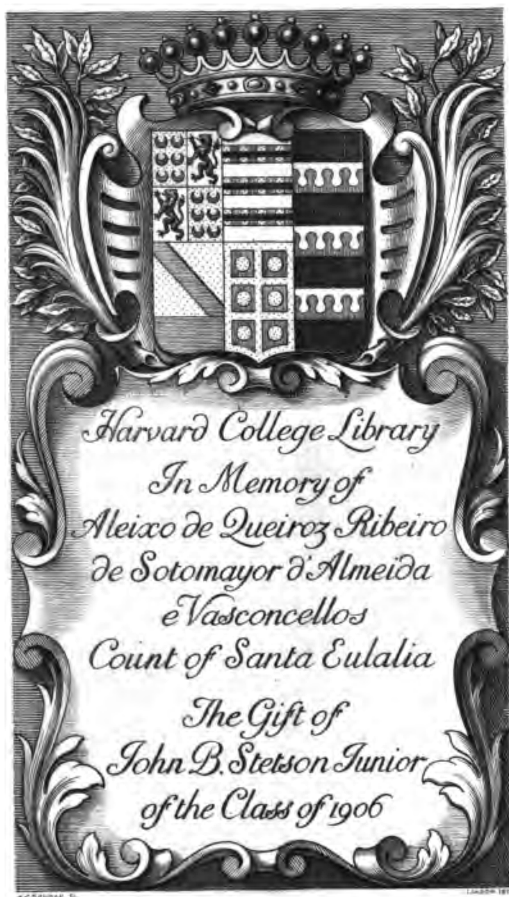

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

OBRAS DE AUCTORES PORTUGUESES
VI



ANTONIO JOSÉ DA SILVA

# GUERRAS
DO
# ALECRIM E MANGERONA

OPERA JOCO-SERIA

*Prefaciada e revista por Mendes dos Remedios*




COIMBRA
*FRANÇA AMADO — EDITOR*

1905

# PREFACIO

Parece-nos não ser de todo inutil dar aqui uma idea, embora rapida, do que seja a comedia *Guerras do Alecrim e Mangerona,* que hoje entra, pela publicidade, na galeria modestissima dos Subsidios para o estudo da História da Litteratura Portuguesa, que ha tempos vimos publicando.

Deixamos no volume immediatamente anterior desta mesma collecção — a engraçadissima *Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança,* exposta a largos traços a biographia do auctor destas duas comedias. Para lá remettemos os leitores a quem assalte a curiosidade de conhecer, nos seus lineamentos geraes, os passos da existencia do grande e infeliz comediographo. Limitar-nos-hemos aqui a dar uma idea do entrecho das *Guerras do Alecrim e Mangerona.*

E' « a mais original e a mais nacional das suas comedias, posto que não seja a que maior somma de bellezas contenha ou graça mais subida e fina apresente », diz Pereira da Silva (1).

(1) *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes,* 3.ª ed. ( 1868 ), I, 260.

As *Guerras do Alecrim,* escreve Varnhagem, são o primor de quanto nos deixou, e ainda hoje podia esta comedia fazer as delicias do publico como opera comica no gosto moderno (1).

Talvez que o *Alecrim e Mangerona,* testemunha o nosso grande Almeida Garrett, seja a melhor de todas [as comedias], e de certo o assumpto é eminentemente comico e português: hoje teria todo o merito de uma comedia historica, e se fôra tratada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça (2).

Identica linguagem têem outros auctores quando se referem a esta comedia, na qual Ernest David encontra scenas tão flagrantes de atticismo e boa graça que não hesita escrever serem ellas dignas de Plauto ou de Molière (3). Fernando Wolf, que tanto e tão bem conhecia a nossa litteratura, considera tambem as *Guerras do Alecrim e Mangerona* como a obra prima de Antonio José (4).

---

(1) *Florilegio da poesia brazileira, ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brazileiros fallecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as lettras no Brazil,* I, 205.

(2) *Parnaso Lusitano,* I, XLVIII.

(3) Traduzindo uma scena da comedia, critíca este auctor: « Cette scène... est écrite dans le style de Plaute; elle est digne de Molière, et celui-ci n'aurait peut-être pas dédaigné de l'intercaler dans son Malade imaginaire ». Vid. *Les Opèras du Juif,* Paris, 1880, pag. 47 (E' extracto do jornal *Les Archives Israelites).*

(4) « Das mit Recht beliebteste Stück Antonio José's ist aber: *As guerras do Alecrim...* » *Dom Antonio José da Silva der Verfasser der sogenannten Opern des Iuden,* Wien, 1860, pag. 21.

Não ha, hoje ainda, razão para deixar de subscrever a estas opiniões. Quem lêr as obras de Antonio José ha-de convencer-se effectivamente da grande somma de talento dramatico deste auctor, que se não fôra seu tragico fim, desabrocharia em mais fecundos e opimos fructos. Paciencia! E' a sua obra actual e historica, que temos de avaliar, e não a que por ventura houvera de legar-nos se vida tivera para isso, e se a trabalhos scenicos elle a viesse a dedicar, como tudo promettia e o indicava.

A graça, o espirito, o dito picante e alacre, o movimento e o entrecho dos dialogos, a caracterização das personagens, o aproposito rapido e sem violencia, a linguagem comedida e adequada, tudo mostra um pulso firme, e experimentado. Quem assim maneja o pincel nas pequenas scenas descuidadas, era susceptivel, com mais cultura e com mais applicação, de nos deixar quadros de mais largo folego, de mais cuidadosa e artistica urdidura.

Nas *Guerras do Alecrim e Mangerona* ha os mesmos defeitos geraes do theatro de Antonio José, que produzem, sem tirar o interesse, um certo cansaço. Mas a intriga é bem urdida e bem conduzida, é bem tracejado o dialogo, correcta e adequada, de principio a fim, a situação das figuras.

Eis, em poucas palavras, todo o esqueleto da formosa comedia.

Dous fidalgos — D. Gil Vaz e D. Fuas — ricos de pergaminhos e vaidosos de honrarias, mas falhos de dinheiro, sonham no meio de se livrarem da embaraçosa situação. Gil Vicente e posteriormente D. Francisco Manoel de Mello tinham-nos já dado a conhecer este typo do

fidalgo pobretão e endividado. Pelo que se vê a especie era prolifica. Tem um dos fidalgos, D. Gil Vaz, um creado — Simicupio, que é o typo comico da peça e uma das figuras mais bem caracterizadas de todo o theatro de Antonio José. E' Simicupio o *deus ex-machina* das situações embaraçosas, e é elle quem presenteará os dous fidalgos com uma appetecedora fortuna na posse de duas formosas donzellas, dous impagaveis typos de tafularia seculo dezoito, as senhoras D. Cloris e D. Nize, sobrinhas de D. Lanserote — o velho avaro e cubiçoso, bom homem, que concorda, como era de justiça e o entrecho o pedia, num desfecho alegre de casamentos. E' para a conquista deste El-Dorado — o casamento — que se dirige todo o empenho, todo o exforço, toda a intriga. O caso não é facil. O velho tem naturalmente as suas rabugens, deita-se cedo, tem medo a incendios e guarda amorosamente suas sobrinhas e o seu dinheiro. As janellas não se abrem. Não vae bem ao arcaboiço dum velho o ar fresco das ruas. E' verdade que tem o seu famoso gabão de caragoça, mas todos os cuidados são poucos. Lá está, porém, o ardil das almas enamoradas para inutilizar o plano do pobre D. Lanserote. Suas sobrinhas são gentis, gostam do passeio, adoram a janella, sam amantes de novidades e, naturalissimamente, porque ao tempo quem quer que se presava de ser gente de tom havia de pertencer a um dos grupos, que se disputava honras e primazias, « do Alecrim ou da Mangerona », as senhoras D. Cloris e D. Nize têem, de facto, as suas preferencias, os seus gostos, o seu logar marcado na contenda — a senhora D. Cloris é pelo alecrim,

é pela mangerona a senhora D. Nize, sua irmã.

Pergunta Costa e Silva se foi a comedia de Antonio José que sugeriu a idea dos dous grupos ou ranchos ou, ao contrario, se os dous ranchos, tão comicos afinal, lembrariam ao illustre escriptor a idea e o plano da sua comedia (1). Não me parece que seja assumpto para duvidas. A comedia de Antonio José, embora apreciada e querida do publico, não teria o effeito de dar origem a um costume que ella no fundo satyrizava — e com razão. Os peralvilhos e tafues é que foram apanhados em flagrante e caracterizados do natural. Antonio José viu, observou, imaginou uma intriga para prender na scena as suas personagens copiadas do natural, deu-lhe (admittamo-lo), uma pontinha de côr e, certamente em breves dias, a sua comedia estava concebida, escripta, ensaiada, representada e, vamos, como era de justiça, bom Deus, applaudida a ambas as mãos.

A intriga na comedia augmenta com a existencia doutra personagem, D. Tiburcio, que nos é apresentado como um pacovio provinciano, palonço, chegado a Lisboa com o seu alforge provido de chouriças, estranho aos estylos da côrte, enfim, o senhor D. Tiburcio, filho de D. Trifonio e de D. Pantaleoa Reboldan. Seriam talvez as choiriças um primor da arte do enchido, algum acepipe bem condimentado e preparado a capricho para a

(1) *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*, x, 363.

picaresca viajem do grotesco filho de Trás-os-Montes. Podia ser tudo isso, mas que singular figura de prosaico labrego não deveria ser aos olhos de suas primas, de mãos pedindo *pingos de tocha,* e *toucinho do ceo,* o senhor D. Tiburcio entrando em scena « com botas, vestido ridiculamente » logo gritando álerta pelas choiriças, que vêem no alforge, não as dizime o arrieiro que tem em cada mão « cinco aguias rapantes ».

O quadro completa-se com mais duas figuras: *Sevadilha,* graciosa, creada, e *Fagundes,* velha, creada, ambas de duas typos do genero, dando á acção um largo movimento de intriga e de interesse.

Sevadilha tem acerca dos pretendentes ao casamento a theoria cavalheiresca e medieval dos mil perigos a vencer como condição de triumpho.

— « Bom amante tenho! diz ella a certa altura, ao seu impaciente Simicupio que, tratando do casamento dos fidalgos, se não esquecera delle proprio, — bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte annos de desprezos, como ha muitos que aturam, levando com as janellas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no Templo de Venus, e com tudo estão mui contentes da sua vida. »

Em harmonia com esta philosophia pratica do amor a azougada cachopa vai prestando o seu apoio ás travessuras do seu adorador Simicupio, não sem oppor o seu embaraço, segundo as situações.

A comedia abre pela apresentação das personagens principaes, que é feita duma forma verdadeiramente magistral. Lá estão na linguagem denunciados, desde as primeiras linhas, o cultismo ridiculo e extravagante, a linguagem artificial e empolada, como a tinham os poetas que vinham da genealogia litteraria de Luís Vélez de Guevara, o celebrado auctor da *Reinar después de morir,* e da do conhecido Luís de Góngora. Sam os fidalgos, que presumem de finamente educados, que se dirigem a D. Nize e a D. Cloris:

— Diana destes bosques, cessem os accelerados desvios desse rigor, pois quando rémora me suspendeis, sois iman que me attrahís (1).

— Flora destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdem, que essa discorde fuga, com que me desenganais, é harmoniosa attracção de meus carinhos... (2).

Lembram-se os leitores daquella inegualavel scena do *Fidalgo Aprendiz,* em que apparece um *estudantão muito çujo e muito mal vestido* a arengar parvoamente:

— O claro humor de Pyrene
em dipluvios fragrantes candidize
borde, esmalte, retoque, aromatize.

e vai continuando no meio do ar galhofeiro do fidalgo e do aio Affonso Méndez até que aquelle o interrompe:

Mestre!... não falleis latim.
que eu nunca fui estudante.

(1) Vid. adeante, sc. 1, pag. 5.
(2) *Ibid.*

e elle, entre obediente e repeso, se resolve:

Fallarei, como mandais,
bom português velho e relho (1)?

O ridiculo é ainda o mesmo, identica a intenção dos dois escriptores. Quasi meio seculo depois ainda na scena apparecia a mesma grotesca personagem.

Numa comedia ou « entremez », que tem a data de 1783, encontramos esta scena em tudo digna dum Antonio José. Numa sala, com sua livraria, o poeta Pancracio apparece gritando pelo seu creado Marçal, a fim de que elle lhe vá chamar o secretario:

Pancracio.—Marçal! Marçal!
Marçal.—Senhor!
Pancracio.—Já a aurora rubicunda levantada do seu eburneo leito penteou as lucidas argentinas madeixas; já abriu com as candidas mãos os fulgidos ferrolhos das brilhantes januas do Orizonte; já o nitido pai do atrevido mancebo largou as redeas aos fogosos Etontes, que mastigando os auriferos bocados dos brilhantes freios, circumdam com o flamigero carro as luminosas abobedas do azulado globo. E tu, vivente sedentario, ainda entregue nos suporiferos braços do taciturno deos, do insipido Morfeo, que suffocando aos mortaes as funcções do discurso, te faz esquecer as precisões domesticas, sem cuidar nas obrigações que se exigem de quem sujeita a liberdade ao exercicio de famulo?
Marçal.—Senhor doutor, se v. m. não me falla lingua que eu entenda, então não tem moço para muitos dias: eu conheço cá esses *rubicundios*, nem esses *trelificos*, e essas arengas com que me vem acordar de madrugada?
Pancracio.—Infelices creaturas, cujo limitado discurso se abate a uma ponderação rasteira, e terrena, e não voa para as ideas sublimes.

(1) Vid. a minha ed., Coimbra, 1898, pag. 18.

Marçal.—Se me quer alguma cousa diga-mo, quando não vou catar as trelificas pulgas da rubicunda manta, que esta noute me roeram a pelle.

Pancracio.—Ora dize-me, alma aniquilada, qual é o mortal que respira um ar de raciocinio que não reflecte que esses pobres insectos, esses atomos animados, indiviziveis viventes, são uma producção da natureza provida, e que foram creados para algum fim, que não os deixa usar daquelles direitos que lhes foram concedidos sobre os novos corpos para sustentação dos seus individuos.

Marçal.—Estamos na mesma, e v. m. pode buscar quem o sirva se me falla por essa linguagem, que não percebo palavra: eu sou português e quero que me digam pão pão, queijo queijo (1).

Mas a scena de apresentação nas *Guerras do Alecrim* é brevemente interrompida. — Que as siga o creado! diz uma dellas, e eis num momento Simicupio que volta e lhes dá a noticia de que se trata das sobrinhas de D. Lanserote, o rico mineiro velho, o mesmissimo vizinho delles. Já isso não era de bom agouro, mas o peior é a informação de que uma das pequenas vai casar com um primo, o tal D. Tiburcio, e a outra deve entrar num convento. Importa fallar-lhes, mas como? « O velho é tão cioso das sobrinhas como do dinheiro, a casa é um recolhimento, as portas de bronze, as janellas de encerado, as frestas são oculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem, as trapeiras são zimborios tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto, as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discipulas, porque ainda não sabem abrir... » (2).

(1) *Comedia imaginaria e composiçoens* ( sic ) *retumbantes*, Lisboa, na officina de Fernando José dos Santos, anno de 1783, 14 pag.

(2) Vid. adeante, pag. 9.

Mas... tudo se consegue com o estratagema de Simicupio, que se finge vendedor de alecrim, e logo as sirigaitas o mandam ir á sua presença. Com D. Cloris e D. Nize estão o velho tio, o primo, que veio ao cheiro do casamento, e é o unico logrado da peça, mais algumas pessoas tambem. Discute-se primazias, refinando as. gentilezas a proposito do alecrim e da mangerona, eis senão quando Simicupio que estrebuxa com um accidente. E' uma balburdia até que o homem lá fica, só, a descansar, apparentemente sopitado, coberto, a conselho do velho, com o seu rico capote de çaragoça. A creada apparece e o ladino defende conjunctamente o seu e o interesse dos dous fidalgos. E' impossivel seguir aqui o desenvolvimento do entrecho. Simicupio escapa-se levando o capote e as preciosas informações, e procura introduzir a todo o custo junto das suas escolhidas os dous fidalgos enamorados. As situações são sempre comicas, bem escolhidas, de seguro effeito. A um conhecedor discreto e acostumado a manusear as melhores obras litterarias dos nossos tempos doutr'ora, não passará sem seguro effeito de intima satisfação a leitura desta obra de Antonio José da Silva. Ha mesmo scenas duma grande sobriedade e tocadas magistralmente. O nome de Molière acode-nos mais duma vez á lembrança, sobretudo na scena em que, doente D. Tiburcio, apparecem a prestar-lhe soccorros como medicos, precisamente — Simicupio, D. Gil Vaz e D. Fuas.

— Deo gratias! exclama da porta, logo, Simicupio, atrevido e loquaz, enquanto D. Gil, tremente e silencioso, vai augurando pouco bem do disfarce. E, ouvido o doente, que

fôra acommettido duma colica, o dialogo vivo e rapido corre na maior naturalidade, salpicado aqui ou além por uma phrase menos polida, que o meio em que a comedia tinha o seu desempenho perfeitamente explica. Eis o *diagnostico* exposto por Simicupio:

Simicupio.—... Este fidalgo (se é que o é, que isto não pertence á medicina) teve uma colorica precedida de paixões internas: porque o espirito agotado da representação fantasmal, e da investida feminil, retrahindo-se o sangue aos vasos linfaticos, deixando exhauridas as matrizes sanguinarias, fez uma revolução no intestino recto; e como a materia crassa e viscosa, que havia nutrir o suco pancreatico, pela sua turgencia, se achasse destituida de vigor, por falta de appetite famelico, degenerou em liquidos; estes pela sua virtude acre, e mordaz, vilicando, e pungindo as tunicas, e membranas do ventriculo, exaltaram-se os saes fixos, e volateis, por virtude do acido alcalino, de sorte que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calcis andatur, qui ventre evacuatur*, disse Saleno (1).

Sganarelo na obra magistral de Molière não é mais sexquipedal e extravagante:

« ... Ces vapeurs dont je vous parle, venant à passer, du côté gauche où est le foye, au côté droit où est le coeur, il se trouve que le poulmon, que nous appellons en latin *armyan*, ayant communication avec le cerveau, que nous nommons en grec *nasmus*, par le moyen de la veine cave, que nous appellons en hebreu *cubile*, recontre en son chemin les dites vapeurs qui replissent les ventricules de l'omoplate; & parce que les dites vapeurs... Comprenez bien ce raisonnement... & parce que les dites vapeurs ont certaine malignité... ecoutez bien ceci... on une certaine malignité qui est causée... soyez attentif, s'il vons plait... qui est causée par l'acreté des humeurs engen-

(1) Vid. adeante, pag. 73.

drées dans la concavité du diaphragme, il arrive que ces vapeurs... *ossabandus, nequei, nequez, potarium, quipsa milus.* Voilà justement ce qui fait que votre fille est muette (1) ! »

E quando Geronte, afflicto e boquiaberto deante de tanta *sciencia* o interroga:

— « ... Mais, Monsieur, que croyez-vous qu'il faille faire à cette maladie ? »

Sganarello responde simplesmente:

— « Mon avis est qu'on la remette sur son lit, & qu'on lui fasse prendre, pour reméde, quantité de pain trempé dans le vin.
« Geronte.—Pourquoi cela, Monsieur ?
« Sganarelle.—Parce qu'il y a dans le vin & le pain mêlés ensemble, une vertu sympatique, qui fait parler. Ne voyez-vous pas bien qu'on ne donne autre chose aux perroquets, & qu'ils apprennent à parler en mangeant de cela ?
« Geronte.—Cela est vray. Ah le grand homme ! Vîte, quantité de pain & de vin (2). »

Antonio José tambem, após o diagnostico que lemos atrás, indica o remedio:

« ... o mais efficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso de baixo para cima. »

E como esta scena ha varias outras a que não pode negar-se a graça e o espirito. A comedia termina, como dissemos, pelo casamento das sobrinhas de D. Tiburcio com os dous fidalgos, e de Simicupio com a creada Sevadilha. Eis o que precipitou esse resul-

(1) *Le medicin malgré lui,* nas *Oeuvres de Molière,* Paris, M.DCC.XXXIV, IV, 46.
(2) *Id.,* pag. 48.

tado. Aprazam-se entrevistas para o jardim e é lá que se combina levar a effeito os casamentos.

O primeiro a chegar é Simicupio, que descendo por uma corda vai caír em cima do velho D. Lanserote, que costuma ir, como unico divertimento, tomar o fresco ao quintal. D. Lanserote prende-o, mette-o dentro da capoeira das gallinhas, e sai a chamar o alcaide. Mas Sevadilha que chega solta-o e em seu logar tem artes de metter D. Tiburcio, o qual desde principio, sempre, debalde, a fôra requestando:

— As primas não são más, porém a moça me toa mais!...

rumina D. Tiburcio. Em mentes que nesta inclinação da primeira hora fôra proseguindo até ao lance final. Encontrando-a vai casa fóra até á scena do jardim.

— Senhor, não me persiga. Olhem o diabo do homem.

No jardim, porém, já se haviam encontrado os fidalgos com as suas namoradas. Com o receio de que o tio surgisse de momento, aquelles escondem-se na capoeira, e as primas surprehendem D. Tiburcio no encalce da creada:

— Que é isso, Primo? Como estando doente e tão perigoso vem, a estas horas, ao sereno?

D. Tiburcio.—Que hade ser, se vossês não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo que não faça ás avessas? De sorte que me fez vestir e sair atrás della, como desesperado das perrices que me faz.

Mas Sevadilha acode trigosa e célere:

— Para que estamos com arcas encoiradas? O senhor D. Tiburcio anda-me ao sucario (1) e não me deixa uma hora nem instantes.

Nisto vê-se apparecer o velho D. Lanserote. D. Tiburcio, que não quer ser ali encontrado, vai metter-se na capoeira, onde já estão os fidalgos. Mas D. Lanserote não vem só. E' Simicupio quem o acompanha « vestido de Ministro com vara na mão », que vem prender o larapio encerrado por D. Lanserote na capoeira, e que se diz chamar « o Bacharel *Petrus in cunctis,* juiz de fóra daqui com alçada na vara até ao ar ». O velho aproveita a occasião de se queixar de lhe ter sido roubado um capote de çaragoça em muito bom uso.

São presos os tres suppostos criminosos. D. Lanserote ainda quer salvar o sobrinho.

— Por ser seu sobrinho, não pode ser ladrão? retruca Simicupio. Vamos andando *ad cagarronem!*

---

(1) Como esta expressão popular, emprega Antonio José muitas outras, e tambem ditos, phrases, etc., que são dignas de nota. Eis alguns exemplos apontados ao acaso e como se foram offerecendo no decurso da leitura: *rémora; esconderelos; bichancrear; palanfrorios; vamos-a-forro-e-a-partido; rapantes* (aguias), *toa* (a moça me toa mais); *Pó diabo; prometto-te um arco de pipa e uma venda nos Romolares, em que ganhes muito dinheiro; engasgalhada; á mão tente, joguei os centos; render á escala vista; não conheço flamengos; alfage; garavato; tramposinhas; val de cavallinhos; françа,* etc. Emprega exclamações muito conhecidas antigamente, como *Agora!* (duas vezes), *assopra!* que se encontra em D. Francisco Manoel de Mello (*Auto do Fidalgo Aprendiz,* ed. 1898, pag. 13); *appello eu!* etc.

O disfarce, e com elle a comedia vai terminar no casamento, após um simulacro de interrogatorio feito pelo improvisado juiz, o *Petrus in cunctis*, o impagavel Simicupio.

A contenda entre o Alecrim e a Mangerona dá-a o reinadio representante da justiça como terminada:

— ... pois que estou feito juiz, pela authoridade que tenho, declaro que ambas as plantas venceram o pleito, pois cada uma fez quanto póde, e para que se acabem essas guerras do Alecrim e Mangerona, mando que os dous ranchos façam as pazes e se ponha perpetuo silencio nesta materia, sob pena de serem assumptos de minuetes, e andarem por bocca de poetas, que é peior que pelas boccas do mundo.

Todos.—Pois viva o Alecrim, e viva a Mangerona!

Tal é o curioso entrecho da famosa comedia de Antonio José da Silva, a qual, pela representação, deveria provocar na epoca e para o meio para que foi escripta um enthusiasmo verdadeiramente extraordinario e assombroso.

Mendes dos Remedios.

# GUERRAS

DO

# ALECRIM E MANGERONA,

## OPERA JOCOSERIA

**Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no Carnaval de 1737.**

## INTERLOCUTORES

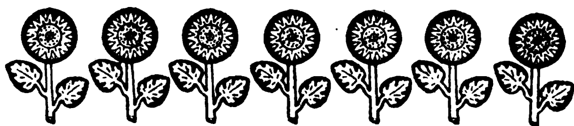
*D. Gilvaz.*
*D. Fuas.*
*D. Tiburcio.*
*D. Lanserote,* velho.
*D. Cloris,* } sobrinhas de D. Lanserote.
*D. Nize,* }
*Sevadilha,* graciosa, creada.
*Fagundes,* velha, creada.
*Simicupio,* gracioso, creado de D. Gilvaz.

### SCENAS DA PARTE PRIMEIRA

I. Prado, com casaria no fim.
II. Camara.
III. Praça.
IV. Gabinete.

### SCENAS DA PARTE SEGUNDA

I. Praça.
II. Sala.
III. Camara.
IV. Praça.
V. Camara.
VI. Jardim.
VII. Sala.



# PARTE PRIMEIRA

## SCENA I

*Prado com casaria no fim. Sahem D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha com os rostos cobertos; e D. Fuas, D. Gil, e Simicupio, seguindo-as.*

D. Gilvaz *(para D. Cloris)*—Diana destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando rémora me suspendeis, sois iman, que me attrahis.

D. Fuas *(para D. Nize)*—Flora destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdem, que essa discorde fuga, com que me desenganais, é armoniosa attracção de meus carinhos; pois nos passos desses retiros fórma compassos o meu amor.

Simicupio *(para Sevadilha)*—E tu, que vens atraz, serás a Seringa destas brenhas; e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atraz, pois apezar dos esguichos de teu rigor, hei de ser conglutinado raboleva das tuas costas.

D. Cloris *(para D. Gilvaz)*—Cavalheiro, se é que o sois, peço-vos, me não sigais, que mal sabeis o perigo, a que me expõe a vossa porfia.

D. Gilvaz.—Galhardo impossivel, em cujas nubladas esféras ardem occultos dous soes, e se abraza patente um coração, permitti, que esta vez seja fineza a desobediencia; porque seria aggravo de vossos reflexos

negar-lhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor; porque assim, formosa Ninfa, ou hei de ver-vos, ou seguir-vos, porque conheça, já que não o sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

D. Cloris *(áparte)*—Que será de mim, se este homem me seguir?

D. Nize.—Já parece teima esta porfia: vede, senhor, que se me seguis, que impossibilitais o meio, para ver-me outra vez.

D. Fuas.—Para que são, bellissimo encanto, esses avaros melindres do repudio? Se já comecei a querer-vos, como posso deixar de seguir-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno girasol de vossas luzes.

Sevadilha *(para Simicupio)*—Ora basta já de porfia, senão vou revirando.

Simicupio.—Tem mão, Sargeta encantadora, que com embiocadas denguices, feita papão das almas, encobres olho e meio, para matares gente de meio olho: são escusados esses esconderelos, pois pela unha desse melindre conheço o leão dessa cara.

D. Cloris.—Isso já parece teima.

D. Gilvaz.—Isto é querer-vos.

D. Nize.—Isso é porfia.

D. Fuas.—E' adorar-vos.

Sevadilha.—Isso é empurração.

Simicupio.—Agora, isto é bichancrear, pouco mais ou menos.

D. Gilvaz.—Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grossaria não obedecer, entendei, que a nossa curiosidade e amor não permittirá, que vos ausenteis, sem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dando-nos tambem o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

D. Fuas.—Eis-alli, senhora, o que queremos.

Sevadilha.—Em termos, sem tirar, nem pôr.

D. Cloris.—Pois, senhor, se só por isso esperais, bastará, que esse criado nos siga; porque de outra sórte destruís o mesmo, que edificais.

D. Gilvaz.—E admittireis a minha fineza?

D. Cloris.—Sendo verdadeira, porque não?

D. Fuas.—Admittireis os repetidos sacrificios do meu amor?

D. Nize.—Sim, se for amor constante.

D. Gilvaz e D. Fuas.—Quem essa dita me abona?

D. Nize *(para D. Fuas)*—Este ramo de Mangerona.

D. Fuas.—Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféo da Primavera.

D. Gilvaz.—Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

D. Cloris.—Este ramo de Alecrim, que tem as raizes no meu coração, seja o fiador, que me abone.

D. Gilvaz.—Por unico na minha estimação será este Alecrim o Fenix das plantas, que abrazando-se nos incendios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

Simicupio.—Isso é bom, segurar o barco; mas a tacita hypotheca não me cheira muito, digam o que quizerem os Jardineiros.

D. Cloris.—Cada uma de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais facil será perder a vida, do que ellas percam o credito de verdadeiras.

Simicupio.—Ai! Basta, basta, já aqui não está quem fallou: vossas mercês perdoem, que eu não sabia, que eram do rancho do Alecrim, e Mangerona; resta-me tambem, que tu, cosinheirasinha, vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois tambem me quero segurar.

Sevadilha.—Eis-ahi tem esse malmequer, que este é o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

Simicupio.—Ditoso seria eu, se o teu malmequer se murchasse.

D. Cloris.—Pois, senhor, como estais satisfeito, desejarei estimasseis esse ramo, não tanto como prenda minha, mas por ser de Alecrim.

D. Nize.—O mesmo vos recommendo da Mangerona.

D. Cloris.—Advertindo, que aquelle, que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a Mangerona, ou Alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossiveis.

D. Nize.—Desejara, que triunfasse a Mangerona. *(Vai-se).*

D. Cloris.—E eu o Alecrim. *(Vai-se).*

Sevadilha.—Cuidado no malmequer. *(Vai-se).*

Simicupio.—Cuidado no bemmequer.



D. Gilvaz.—O' Simicupio, vai seguindo-as, para sabermos aonde moram; anda, não as percas de vista.

Simicupio.—Ellas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. *(Vai-se).*

D. Fuas.—Quem serão, amigo D. Gilvaz, essas duas mulheres?

D. Gilvaz.—Essa pregunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado, com que vendaram o rosto, para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento e aceio, indicam ser gente abastada.

D. Fuas.—Oxalá, que assim fora; porque em tal caso, admittindo os meus carinhos, poderei com a fortuna de esposo ser meeiro no cabedal.

D. Gilvaz.—Ai, amigo D. Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cahir morto?

D. Fuas.—Ellas foram aturdidas com palanfrorios.

D. Gilvaz.—Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

Simicupio *(sahe Simicupio)*—Já fica assinalada na carta de marear toda a Costa de Leste a Oeste, com seus cachopos, e baixios.

D. Gilvaz.—Aonde moram ?

Simicupio.—São as nossas visinhas, sobrinhas de D. Lanserote, aquelle mineiro velho, que veio das minas o anno passado.

D. Fuas.—Basta que são essas ? Por isso ellas cobriram o rosto.

Simicupio.—Isso tem ellas, que não são descaradas; antes são tão sizudas, que nunca encararam para ninguem.

D. Gilvaz.—Uma dellas sei eu, que se chama D. Cloris.

Simicupio.—E a outra D. Nize, isso sabia eu ha muito tempo.

D. Fuas.—E como saberei eu, qual dellas é a da Mangerona ?

Simicupio.—Isso é facil, em sabendo-se qual é a do Alecrim, logo se sabe qual é a da Mangerona.

D. Fuas.—Grande subtileza ! Vamos D. Gil.

Simicupio.—Já que se vão, advirtam de caminho, que segundo as noticias, que tenho, bem podem desistir da empreza; porque o velho é tão cioso das sobrinhas, como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas de bronze; as janellas de encerado; as frestas são oculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem; as trapeiras são zimborios tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discipulas, porque ainda não sabem abrir; mas só um bem ha, e é, que tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro; com que, senhores meus, outro officio, contentem-se com cheirar a sua Mangerona, e o seu Alecrim, que entra pelo nariz, não é bem que chegue ao coração.

D. Gilvaz.—Simicupio, não temo impossiveis, tendo da minha parte a tua industria, que espero de ti apures

toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

Simicupio.—Ah! senhor D. Gilvaz, o meu ariete já se acha mui cansado com tanto vaivem, pois nem todo o artificio de minhas maquinas póde abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se difficulta aos meus merecimentos.

D. Gilvaz.—Simicupio amigo, tem animo, que se montamos a burra de D. Lanserote, saltaremos de contentes.

Simicupio.—Tal é a minha desgraça, e sua miseria, que ainda com essa burra me dará dous couces.

D. Gilvaz.—D. Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

D. Fuas.—D. Gil, vamos a forro e a partido, pois que Simicupio é tão déstro na materia.

D. Gilvaz.—Por ora não póde ainda ser; deixai-me primeiro tentar o váo, que vós tambem navegareis no mar de Cupido.

D. Fuas.—Isso não merece a nossa amisade.

D. Gilvaz.—Se vós sois do rancho da Mangerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dous ser contrarios, mal poderei soccorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, D. Fuas, e viva o Alecrim. *(Vai-se).*

Simicupio.—E viva o malmequer. *(Vai-se).*

D. Fuas.—Viverá a Mangerona apezar do mais intensivo ardor de oppostos planetas.



Fagundes *(sahe Fagundes com manto e capello)*—É bom sumiço! Adonde estarão estas meninas, que ha mais de quatro horas, que foram á missa, e ainda não

ha fumo dellas? Meu senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

D. Fuas.—Que sinaes tinham?

Fagundes.—Tinha uma dellas uns sinaes pretos no rosto, e a outra uns sinaes de bexigas.

D. Fuas.—E que mais?

Fagundes.—Uma dellas tem os olhos verdes, cor de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; uma tem cova na barba, e a outra barba na cova; uma tem a espinhela cahida, e a outra um leicenço num braço.

D. Fuas.—Com esses sinaes, nunca vi mulher nesta vida.

Fagundes.—Meu senhor, uma dellas trazia um ramo de Alecrim no peito, e a outra de Mangerona.

D. Fuas.—Vi muito bem, que são as sobrinhas de D. Lanserote.

Fagundes.—Essas mesmas são: ora diga-me aonde as vio?

D. Fuas.—Promette vossa mercê fazer-me quanto lhe eu pedir?

Fagundes.—Ai, que cousa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

D. Fuas.—Pois descanse, que ellas aqui estiveram, e agora foram para casa.

Fagundes.—Ai, boas novas tenha.

D. Fuas.—Ora pois em alviçaras dessa boa nova quero me diga, como se chama...

Fagundes.—Eu? Ambrosia Fagundes para servir a vossa mercê.

D. Fuas.—Digo como se chama a que trazia a Mangerona no peito?

Fagundes.—Chama-se D. Nize.

D. Fuas.—Pois, senhora Ambrosia Fagundes, saiba, que eu adoro tão excessivamente a D. Nize, que em premio do meu extremo me franqueou este ramo de Mangerona.

Fagundes.—E' verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

D. Fuas.—E como me dizem os impossiveis, que ha de a poder communicar, quizera dever-lhe a galantaria de ser minha protectora nesta amorosa pretenção; e fie de mim, que o premio ha de ser igual ao meu desejo.

Fagundes.—Meu senhor, difficil empreza toma vossa mercê; porque álem da excessiva cautella do tio, que nisso não se falla, uma dellas está para casar com um primo, que hoje se espera de fóra da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu senhor, desengana-se, que alli não ha que arranhar.

D. Fuas.—E qual dellas é a que casa?

Fagundes.—Ainda se não sabe; porque o noivo vem á escolha daquella, que lhe mais agradar.

D. Fuas.—Como o vencer impossiveis é proprio de um verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empreza, saia o que sahir; que a diligencia é mãi de boa ventura; favoreça-me vossa mercê, senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido; tenho dinheiro, e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da Mangerona.

Fagundes.—Pois por mim não se desmanche a festa. que eu não sou desmancha prazeres: esta noite o espero debaixo da janella da cosinha; sabe aonde é?

D. Fuas.—Bem sei.

Fagundes.—Pois espere-me ahi, que eu lhe direi o que ha na materia.

D. Fuas.—Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fagundes.—Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados, e um tanto fétidos; descanse, senhor, que D. Nize ha de ser sua apezar das cautellas do tio, e das caricias do noivo.

D. Fuas.—Se tal consigo, não tenho mais, que desejar.
*(Canta D. Fuas a seguinte :)*

ARIA

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Vossê me verá.
Porém se um favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá. *(Vai-se).*

Fagundes.—Estes homens, tanto que são amantes, logo são musicos; e eu neste entendo terei boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da Mangerona, e do Alecrim.

## SCENA II

*Camera. Sahem D. Nize, D. Cloris, e Sevadilha.*

Sevadilha.—Ai, senhora, que ainda não creio, que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o senhor velho!

D. Cloris.—Em boa nos metemos!

D. Nize.—Nunca tal nos succedeo: que te parecè, D. Cloris, a porfia daquelles homens em nos querer conhecer?

Sevadilha.—Sim, senhora, como se nós fossemos suas conhecidas.

D. Cloris.—E a facilidade, com que se namoram logo estes homens, é o que mais me admira!

Sevadilha.—Pois o maldito do criado, que tanto se meteo comigo, como piolho por costura!

D. Cloris.—Que te veio dizendo?

Sevadilha.—Mil despropositos misturados com varias finezas esfarrapadas.

Fagundes *(sahe Fagundes com manto apanhado no braço)*—Ainda esses Alecrins, e Mangeronas hão de dar nos narizes a muita gente.

D. Nize.—Que diz, Fagundes ?

Fagundes.—Digo, que bem escusados eram estes sustos ; ora digam-me, senhoras, se seu tio viesse, e as não achasse em casa, que seria de mim ?

D. Cloris.—Não fallemos nisso, que ainda estou a tremer.

Fagundes.—Apostemos, que isso foram conselhos desta senhora, que aqui está ?

Sevadilha.—Apello eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece, que me tem tomado á sua conta!

Fagundes.—Coitada, como se desconjura !

Sevadilha.—Ainda por amor della me hei de hir desta casa.

D. Lanserote *(sahe D. Lanserote)*—Fagundes, depressa, vá deitar mais um ovo nos espinafres, que ahi vem meu sobrinho D. Tiburcio, já que sou tão desgraçado, que por mais meia hora não chega depois de jantar.

Fagundes.—Eu vou, meu senhor; mas cuido, que o noivo a estas horas comerá novilho. *(Vai-se).*

D. Lanserote.—Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho, que encommendar-vos o modo, com que o haveis de tratar.

D. Cloris *(áparte)*—Já vem tarde.

D. Nize *(áparte)*—Veremos a cara a este noivo.

Sevadilha *(áparte)*—Pois dizem, que é hum galante lapuz.



*(Sahe D. Tiburcio com botas vestido ridiculamente).*

D. Lanserote.—Amado sobrinho, dá-me os braços : é possivel, que vejo a um filho de meu irmão !

D. Tiburcio.—Sim, senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquellas choiriças, que vẽem no alforje, não as dizime o arrieiro, que tem em cada mão cinco aguias rapantes.

D. Lanserote.—Isso me parece bem, seres poupado; eu vou a isso. *(Vai-se).*

D. Cloris.—Que te parece, Nize, a discrição do noivo?

D. Nize.—Muito bom principio leva.

Sevadilha *(áparte)*—Parece, que o seu genio mais se casa com o alforje.

D. Tiburcio *(áparte)*—As primas não são más; porém a moça me toa mais.

D. Lanserote *(sahe D. Lanserote)*—Socegai, sobrinho, que já tudo está arrecadado.

D. Tiburcio.—Agora sim; amado tio meu, por cujos humanos aqueductos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permitti, que os meus sequiosos labios calculem esses pés, dedo por dedo.

D. Lanserote.—Levantai-vos; sois discreto, meu sobrinho: pois vosso pai era um pedaço d'asno, Deus lhe perdoe.

D. Tiburcio.—Não está mais na minha mão, em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. Lanserote.—Fallai a vossas primas, e minhas sobrinhas, D. Nize, e D. Cloris.

D. Tiburcio.—Eu vou a isso.

SONETO

Primas, que na guitarra da constancia
Tão iguaes retinís no contraponto,
Que não ha contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto dissonancia:
Oh falsas não sejais nesta jactancia;
Pois quando attento os numeros vos conto,
Nessa belleza armonica remonto
Ao plectro da Phebina consonancia:
Já que primas me sois, sede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de um cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvir-me, ó primas, baste
De dar á escaravelha em taes asneiras,
Que enfim isto de amor é um lindo traste.

D. Lanserote.—Tambem sois Poeta, meu sobrinho?

D. Tiburcio.—Tambem temos nosso entuziasmo, senhor tio; isto cá é vea capilar, e natural.

D. Lanserote.—Oh quanto me peza, que sejais Poeta, pois por força haveis de ser pobre.

D. Tiburcio.—Ágora, senhor, eu sou um rico Poeta; pois, primas, que dizeis da minha eloquencia? Não me respondeis?

D. Cloris.—Os anjos lhe respondam.

D. Nize.—Ahi não ha mais que dizer.

D. Tiburcio.—Ah senhor tio, esta rapariga é cá da obrigação de casa?

D. Lanserote.—E' moça da almofada.

D. Tiburcio.—Não é mal estreada; e que olhos que tem! Benza-te Deos!

Sevadilha.—Quer Deos, que trago um corninho por amor do quebranto.

D. Lanserote.—Eu cuido, sobrinho, que mais vos agrada a criada, do que a noiva.

D. Tiburcio.—Tudo, o que é desta casa, me agrada muito.

D. Lanserote.—Agora vamos ao intento: sabereis, minhas sobrinhas, que vosso primo D. Tiburcio, filho de meu irmão D. Trifonio, e de Dona Pantaleoa Reboldan, o qual tambem era irmão de vosso pai, e meu irmão D. Blianís, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê, que me faz; que a ser possivel casar com ambas, o fizera sem ceremonia, que para mais é o seu primor.

D. Tiburcio.—Por certo que sim; e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo meter no coração tudo o que for desta casa.

D. Lanserote.—Eu o creio, meu sobrinho: nisso sahis a vosso pai.

D. Cloris *(áparte)*—Não vi maior asno!

D. Nize *(áparte)*—Nem eu maior símplez!

Simicupio. *(Diz dentro Simicupio)*—Quem merca o Alecrim?

D. Cloris.—O' Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

Sevadilha *(áparte)*—Entrou no fadario!

D. Lanserote.—Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que ha nesta terra dous ranchos, um do Alecrim, outro da Mangerona, e fazem taes excessos por estas duas plantas, que se matarão umas ás outras.

D. Tiburcio.—E vossa mercê consente, que minhas primas sigam essas parcialidades?

D. Lanserote.—Não vedes, que é moda, e como não custa dinheiro, bem se póde permittir?

D. Tiburcio.—Bem sei, que isso são verduras da mocidade, mas contudo não approvo.

D. Lanserote.—E a razão?

D. Tiburcio.—Não sei.

D. Cloris.—Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estylos da Corte.

D. Nize.—Callai-vos, mana, que elle ha de ser o maior apaixonado, que ha de ter o Alecrim, e a Mangerona.

D. Tiburcio.—Se eu enlouquecer, não duvido.



Simicupio *(sahe Simicupio com um mólho de Alecrim ao hombro)*—Quem quer o Alecrim?

D. Cloris.—Anda para cá: tem mão, não o ponhas no chão.

Simicupio.—Pois aonde o hei de pôr?

D. Cloris.—Aqui no meu colo; ai, no chão o meu Alecrim? Isso não.

Simicupio.—Pois não só o ponha no colo, mas no pescoço.

D. Cloris.—A quanto é o mólho?

Simicupio.—A real e meio, por ser para vossa mercê.

D. Cloris.—Põi ahi cincoenta mólhos.

Simicupio *(áparte)*—Pelo que vejo, esta é D. Cloris. Eis ahi tem todos os mólhos, reparta lá com a senhora, que supponho tambem quererá o seu raminho.

D. Nize.—Ai, tira-te para lá, homem, com esse máo cheiro.

Simicupio *(áparte)*—Já sei, que esta é a da Mangerona de D. Fuas.

D. Tiburcio.—Bem haja minha prima, que não é destas invenções.

D. Lanserote.—Porque é da Mangerona, por isso aborrece o Alecrim.

D. Tiburcio.—Resta-me, que vossa mercê tambem tenha algum rancho.

D. Lanserote.—Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

Simicupio *(áparte)*—Ora demos principio á tramoia. Ai senhores, quem me acode?

D. Lanserote.—Que tens, homem?

Simicupio.—Ai, ai, confissão. *(Cahe Simicupio estrabuxando, fingindo um accidente).*

D. Cloris.—Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

D. Nize.—Tão venenoso é o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

D. Lanserote.—Olá, tragam agua.



*(Sahe Fagundes e Sevadilha com uma quarta).*

Sevadilha.—Ai, senhores que isto é accidente de gota coral!

Simicupio *(áparte)*—O coral de teus labios, que accidentes não fará?

D. Lanserote.—A unha de grão besta é boa para isto.

D. Tiburcio.—Puxem-lhe pelos dedos, que tambem é bom remedio.

*(D. Lanserote, D. Tiburcio, Sevadilha e Fagundes pegam em Simicupio, e este com o extrabuxamento fará cahir a todos).*

D. Lanserote.—Mostra cá o dedo.

Simicupio *(áparte)*—Agradeço o anel.

D. Tiburcio.—E a força que tem o selvaje!

Sevadilha.—Eu não posso com elle.

Simicupio.—Lá vai o dedo polegar c'os diabos! Eu estou capaz de tornar a mim, antes que me deixem despedaçado.

D. Lanserote.—Borrifa-o, Fagundes.

Fagundes *(borrifa-o)*—Ora deixem-no comigo.

Simicupio.—Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece, que tem aposthema no bofe.

D. Nize.—Não se cansem, que elle não torna a si tão cedo.

Simicupio.—Essa é a verdade.

Fagundes.—Mas pelo sim pelo não, eu lhe vazo esta quarta; que quando Deos quer, agua fria é mésinha.

Simicupio *(áparte)*—Valha-te o diabo, que me deitaste agua na fervura! Eu não tenho mais remedio, que aquietar-me, senão virá como remedio algum páo santo sobre mim.

Fagundes.—Senhores, elle está mais socegado depois da agua; venham jantar, que a mesa está posta.

D. Lanserote.—Vai buscar o meu capote, e cobre-o, que está tremendo o miseravel.

Simicupio *(áparte)*—E' maravilha, que um miseravel cubra outro.

D. Tiburcio.—Aquillo são convulsões, mas bom é cobri-lo por amor do ar.

Fagundes *(sahe Fagundes com um capote)*—Eis-ahi o capote; se elle o babar, babado ficará.

Simicupio *(áparte)*—Anda, tola, que não me babo.

D. Lanserote.—Tu, Sevadilha, tem sentido neste homem, enquanto jantamos: vinde, sobrinho. *(Vai-se).*

D. Tiburcio.—Vamos, que tenho uma fome horrenda. *(Vai-se).*

D. Nize.—E' galante figura o tal meu primo! *(Vai-se).*

D. Cloris.—Fagundes, agazalha esse Alecrim.

Fagundes.—Tanto me importa; se fora Mangerona, ainda, ainda. *(Vai-se).*

Sevadilha.—Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

Simicupio *(vai-se erguendo)*—Vejamos quem é esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira; ai, que supponho, que é a menina do malmequer, que lá traz um no cabello! Vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem.

Sevadilha.—Deite-se, deite-se; ai, que o homem tem frenesis! Acudam cá.

Simicupio.—Cal-t'e, Sevadilha, não perturbes esta primeira occasião de meu amor.

Sevadilha.—Deixe-se estar coberto.

Simicupio.—Bem sei, que o calafrio de meu amor é tão grande, que se póde cobrir diante delRey; mas confesso-te, que já não posso aturar o gravamen deste capote.

Sevadilha.—Ai, que o homem está louco, e furioso!

Simicupio.—A furia, com que te ausentas, me faz enlouquecer: não fujas, Sevadilha, que eu sou aquelle sujeito do malmequer, e tão sujeito aos teus imperios, que sou um criado de vossa mercê.

Sevadilha.—Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o desta manhã?

Simicupio.—Cuidavas, que não havia saber buscar modo para ver-te?

Sevadilha.—Queres, que vá chamar a D. Cloris, ou D. Nize?

Simicupio.—Logo irás chamar a D. Gloris; mas primeiro attende á chamma de meu amor; que se o fogo

tem linguas, e as paredes têem ouvidos, bem póde a dura parede de teu rigor escutar a lavareda, em que me abraso: muita cousinha te podera eu dizer; porém a occasião não é para isso.

Sevadilha.—Nem eu estou para ess'outro.

Simicupio.—Eu o dissera, que o teu malmequer não é para menos.

Sevadilha.—Nem a tua pessoa é para mais.

Simicupio.—Pois isso é deveras? Olha, que desconfio.

Sevadilha.—Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte annos de despresos, como ha muitos que aturam, levando com as janellas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no templo de Venus, e com tudo estão mui contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

Simicupio.—Para que me desenganes, se me queres, ou não.

Sevadilha.—Pregunta-o ao malmequer, que elle t'o dirá.

Simicupio.—Se eu o tivera aqui, fizera essa experiencia.

Sevadilha.—E aonde está, o que eu te dei?

Simicupio.—Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar m'o leva.

Sevadilha.—Assim te leve o diabo.

Simicupio.—Levará que é muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

Sevadilha.—Apanha aquelle malmequer, que está junto áquella pòrta, e pregunta-lh'o, que elle t'o dirá.

Simicupio.—Pois acaso nas folhas do malmequer estão escritos os teus amores, ou os teus desdens?

Sevadilha.—Da mesma sórte que a *buena dicha* na palma da mão.

Simicupio.—Eu vou apanhar o dito malmequer. *(Vai-se).*

Sevadilha.—Quem me dera, que ficasse em malmequer, para o fazer andar á pratica !

Simicupio *(sahe Simicupio com um malmequer)*—Eis-aqui o malmequer; ora vamos a isso; que se ha flores, que são desengano da vida, esta o será do amor, Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bemmequer.

Sevadilha.—Isto é como uma sórte.

Simicupio.—Queira Deos não se converta o malmequer em azar. Tem sentido, Sevadilha : amor, se sahe a cousa como eu quero, eu te prometto um arco de pipa, e uma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro. *(Canta Simicupio a seguinte :)*

ARIA

Oraculo de amor
Propicio me responde
Nas ancias deste ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, mal me queres,
Mal me queres, disse a flor.
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer !
  Acabou-se o meu cuidado,
Que mais tenho, que esperar ?
Vou-me agora a regalar
Levar boa vida, comer, e beber.



D. Cloris *(sahe D. Cloris)*—Oh quanto folgo, que já estejas bom !

Simicupio.—E tão bom, que parece que nunca tive nada.

D. Cloris.—Com que saraste ?

Simicupio.—Com o mesmo mal ; porque tambem ha males, que vem por bem.

D. Cloris.—Que dizes, que te não entendo ? Estás louco ?

Simicupio.—Meu amo ainda o está mais, do que eu, desde que te vio assim por maior, esta manhã; e assim para significar-te a tremendissima efficacia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto aos teus atomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

D. Cloris.—Sevadilha, põe-te a espreitar não venha alguem.

Sevadilha.—Sim, senhora. Arre lá com o ardil do homem! *(Vai-se).*

D. Cloris.—E quem é esse teu amo, que tanto me adora?

Simicupio.—E' o senhor D. Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia* Londres, e Pariz.

D. Cloris.—Que officio tem?

Simicupio.—Ha de ter um de defuntos, quando morrer.

D. Cloris.—E enquanto vivo, em que se occupa?

Simicupio.—Em morrer por vossa mercê.

D. Cloris.—Falla a proposito.

Simicupio.—Senhora, meu amo não necessita de officios para manter os seus estados, porque tem varias propriedades comsigo muito boas; além disso tem uma quinta na semana, que fica entre a quarta, e a sexta, tão grande, que é necessario vinte e quatro horas, para se correr toda.

D. Cloris.—Quanto fará toda de renda?

Simicupio.—Não se póde saber ao certo; sei, que tem varias rendas em Flandes, e outras em Peniche, e estas bem grossas; tambem tem um foro de fidalgo, e um juro de nobreza.

D. Cloris.—Basta que é fidalgo?

Simicupio.—Como as estrellas, que as vê ao meio dia, e a essas horas não vê outra cousa; e certamente lhe posso dizer, que é tão antiga a sua descendencia, que diz muita gente, que descende de Adão.

D. Cloris.—Se isso é assim, talvez, que me incline a quere-lo para meu esposo.

Simicupio.—Venha a resposta, senhora, que meu amo está esperando com lingua de palmo.

D. Cloris.—Pois ouve o que lhe has de dizer. *(Canta D. Cloris a seguinte:)*

ARIA

Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que á sua firmeza
Constante serei.
Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farei. *(Vai-se).*

Simicupio.—Vencido está o negocio; mas o capote do velho cá não ha de ficar por vida de Simicupio; que se a occasião faz o ladrão, hei de sê-lo por não perder a occasião. *(Vai-se com o capote).*



Sevadilha *(sahe Sevadilha)*—Espera, homem, onde levas o capote? E foi-se como um cesto rosto! Ai mofina, desgraçada, que ha de ser de mim, se meu amo não achar o seu rico capote?

D. Lanserote *(sahe D. Lanserote)*—Já sarou o homem, Sevadilha?

Sevadilha.—Sim senhor.

D. Lanserote.—Já se foi?

Sevadilha.—Sim senhor.

D. Lanserote.—Guardaste o capote?

Sevadilha *(áparte)*—Ahi é ella.

D. Lanserote.—Não ouves? Guardaste o capote?

Sevadilha.—Qual capote?

D. Lanserote.—O meu.

Sevadilha.—Qual meu?

D. Lanserote.—O meu de çaragoça.
Sevadilha.—Ah sim, o capote do homem do Alecrim?
D. Lanserote.—Qual homem?
Sevadilha.—O do accidente.
D. Lanserote.—Tu zombas?
Sevadilha.—Zombaria fóra, o homem levou o capote.
D. Lanserote.—O meu capote?
Sevadilha.—Eu não sei, se elle era de vossa mercê; o que sei é, que o homem do Alecrim levou um capote, com que estava coberto.
D. Lanserote.—E como o levou?
Sevadilha.—Nos hombros.
D. Lanserote.—O meu capote furtado?
Sevadilha.—Pois nunca se vio furtar um capote?
D. Lanserote.—Não, bribantona, que era um capote aquelle, que nunca ninguem o furtou. Oh dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o sol te visite com os seus raios!
Sevadilha.—Santa Barbara!
D. Lanserote.—Tu, descuidada, has de pôr para alli o meu capote, ou do corpo t'o hei de tirar.
Sevadilha.—Como m'o ha de tirar do corpo, se eu o não tenho?
D. Lanserote.—Desta sórte.

*(Cantam D. Lanserote, e Sevadilha a seguinte:)*

ARIA A DUO

D. Lanserote.—Moça tonta, descuidada,
Sevadilha.— Ha mulher mais desgraçada
Neste mundo? Não, não ha.
D. Lanserote.—Se não dás o meu capote,
Tua capa hei de rasgar.
Sevadilha.— Não me rasgue a minha capa.
D. Lanserote.—Dá-me, moça, o meu capote
Sevadilha.— Minha capa.
D. Lanserote.—Meu capote.
Ambos.— Trata logo de pagar.

D. Lanserote.—Meu capote assim furtado!
Sevadilha.— Meu adorno assim rasgado!
Ambos.— Que desgraça!
D. Lanserote.—Contra a moça
Sevadilha.— Contra o velho
Ambos.— A justiça hei de chamar:
Meu capote d'onde está? *(Vão-se).*

## SCENA III

*Praça: no fim haverá uma janella. Sahe D. Gil embuçado.*

D. Gilvaz.—Disse a Simicupio, que aqui o esperava; mas tarda tanto, que entendo o apanharam na empresa. Mas se será aquelle, que alli vem? Não é Simicupio, que elle não tem capote, quem será?

Simicupio *(sahe Simicupio embuçado com um capote)* —Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deos não me cheguem ao vulto; não sei se torne para traz, mas peior é mostrar cobardia; eu faço das tripas coração; vou chegando, mas sempre de longe.

D. Gilvaz.—Elle se vem chegando, e eu confesso, que não estou todo trigo.

Simicupio.—Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, aliás o passarei.

D. Gilvaz.—Vossa mercê póde passar.

Simicupio.—Ai, que é D. Gil! Pois agora farei, com que me tenha por valeroso. Quem está ahi? Falle, quando não despeça-se d'esta vida, que o mando para a outra.

D. Gilvaz.—Primeiro perderá a sua, quem me intenta reconhecer.

Simicupio.—Tenha mão, senhor D. Gilvaz, que sou Simicupio.

D. Gilvaz.—Se não fallas, talvez que a graça te sahisse cara.

Simicupio.—Igual vossa mercê, que se o não conheço pela voz, sem duvida, senhor D. Gilvaz, lhe prego com o seu nome na cara.

D. Gilvaz.—Deixemos isso, dá-me novas de D. Cloris; dize, podeste dar-lhe o recado?

Simicupio.—Não sabe, que sou o Cesar dos alcoviteiros? Fui, vi, e venci.

D. Gilvaz.—Dá-me um abraço, meu Simicupio.

Simicupio.—Não quero abraços, venham as alviçaras, senão emmudeci como Oraculo.

D. Gilvaz.—Em casa t'as darei; conta-me primeiro, que fazia D. Cloris?

Simicupio.—Isso são contos largos, estava toda rodeada de brazeiros de Alecrim, com um grande mólho d'elle no peito, cheirando a Rainha de Hungria, mascando Alecrim, como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com um palito de Alecrim; e finalmente, senhor, com o Alecrim anda toda tão verde, como se tivera tirícia.

D. Gilvaz.—E do mais, que passaste?

Simicupio.—Isso é para mais de vagar, basta que saiba por ora, que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de D. Cloris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasgalhada com o engodo de mil patranhas, que lhe encaixei á mão tente.

D. Gilvaz.—Incriveis são as tuas habilidades: e que capote é esse?

Simicupio.—Este é o despojo de meu triunfo; joguei com o velho os centos, e ganhei-lhe este capote; e se vossa mercê soubera a virtude, que elle tem, pasmaria.

D. Gilvaz.—Que virtude tem?

Simicupio.—E' um grande remedio para sarar accidentes de gota coral.

D. Gilvaz.—Conta-me isso.



*(Sahe D. Fuas embuçado).*

Simicupio.—Fallemos de manso, que ahi vem um homem.

D. Fuas.—Esta é a janella da cosinha de D. Nize, que a pezar da escuridade da noite, a conhece o meu instincto pelos effluvios odoriferos, que exhala a Pancaia d'aquella Fenix.

D. Gilvaz.—Simicupio, um homem ao pé da janella de D. Cloris? Isto não me cheira bem.

Simicupio.—Como lhe ha de cheirar bem, se isto aqui é um monturo?

Fagundes *(apparece Fagundes á janella)*—Cé! é vossa mercê mesmo?

D. Fuas.—Sou eu mesmo, e não outro, que impaciente espero novas de meu bem.

D. Gilvaz.—Não ouviste aquillo, Simicupio?

Simicupio.—Aquillo é, que não cheira bem, senhor D. Gilvaz.

Fagundes.—Não basta que vossa mercê diga, que é mesmo necessario a senha, e a contra-senha.

D. Gilvaz.—Pois attenda.

*(Canta D. Fuas o seguinte:)*

MINUETE

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Mangerona
Quero exaltar.
No seu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Ha de levar.
Ha de por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

D. Gilvaz.—Este é D. Fuas, pela senha da Mangerona; que te parece, Simicupio, o quanto tem adiantado o seu amor?

Simicupio.—*Quidquid sit*, o primeiro milho é dos passaros, o segundo é cá para os melros.

Fagundes.—Suba por essa escada. *(Lança a escada).*

D. Fuas.—Segure bem. *(Sobe).*

Simicupio.—Senhor D. Gil, agora é tempo de subir tambem, pois estamos em era de atrepar; não perca a occasião.

D. Gilvaz.—Vem tu tambem. *(Sobe).*

Simicupio.—Eu tambem vou a render á escala vista esse castello de Cupido.

Fagundes.—Tenha mão, senhor, que é o que quer?

D. Gilvaz.—Mangerona.

Fagundes.—Vossa mercê, fidalgo, quem procura?

Simicupio.—Tambem Mangerona em logar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

Fagundes.—Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

Simicupio.—Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

Fagundes.—Vá-se d'ahi, que não conheço Flamengos á meia noite.

Simicupio.—Tem mão, não me empurres.

Fagundes.—Não ha de entrar.

Simicupio.—O' mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

Fagundes.—Vá-se c'os diabos, seja quem for. *(Empurra a escada, e cahe com Simicupio).*

Simicupio.—Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o simicupio, que me fizeste tomar. Estes são os ossos do officio; mas para que tudo não sejam ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma cousa; ao menos se não morri da quéda, vou para casa em uma escada. *(Vai-se Simicupio, e leva a escada).*

## SCENA IV

*Gabinete. Sahe Fagundes trazendo pela mão a D. Fuas, e de traz virá D. Gil embuçado.*

Fagundes.—Pize de mansinho; que se acorda, será para nos enforcar.

D. Fuas.—Recontou a D. Nize os extremos, com que a idolatro?

Fagundes.—Não me ficou nada no tinteiro; meu senhor, nessa materia tenho tanta elegancia, que sou outra Marca Tulia Cicerona.

D. Fuas.—Ai Fagundes, se casará D. Nize com o primo! Mas quem está aqui atraz de nós?

D. Gilvaz *(áparte)*—Não quero dar-me a conhecer a D. Fuas, por ver se com os zelos desiste da empresa, para que só triunfe o Alecrim.

D. Fuas.—Cavalheiro, vós d'aqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro, o que buscais nesta casa?

D. Gilvaz.—O mesmo, que vós buscais.

D. Fuas.—O que eu busco, não vos póde pertencer.

D. Gilvaz.—Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

Fagundes.—Senhores meus, accommodem-se, que póde acordar o senhor D. Lanserote, e o damno será de todos.

D. Fuas.—Queres que me calle á vida dos meus zelos?



D. Nize *(sahe D. Nize)*—Que ruido é este, Fagundes?

D. Fuas.—Sinto, senhora D. Nize, que a primeira vez, que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos

D. Nize.—Não sei, que motivo haja para os haver.

D. Fuas.—Este senhor embuçado, que aqui me vem seguindo, e diz, que procura o mesmo, que eu busco.

D. Nize.—Sabe elle por ventura, o que vós procurais?

D. Fuas.—Elle, que diz que sim, certo é, que o sabe.

D. Nize *(para D. Gil)*—Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito?

D. Gilvaz *(áparte)*—Nada hei de responder.

D. Fuas.—Quem calla consente: não averiguemos mais, senhora D. Nize, só sinto, que a sua Mangerona admitta enxertos de outras planta.

D. Nize.—Esse é o pago, que me dais, de admittir a vossa correspondencia, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

D. Fuas.—Melhor fôra desenganar-me, que essa era a melhor fineza, que vos podia merecer.

D. Nize.—Pois eu digo-vos, que estou innocente, que não conheço este homem; e me parece, que basta dizê-lo, para me acreditares.

D. Fuas.—E bastava ver eu o contrario, para não acreditar essas desculpas.

D. Nize.—Pois visto isso, fiquemos como dantes.

D. Fuas.—De que sórte?

D. Nize.—Desta sórte. *(Canta D. Nize a seguinte :)*

ARIA

Supponha, senhor,
Que nunca me vio,
E que é o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceo,
E logo murchou.
  Pois tanto me dá
De seu pretender,
Que firme supponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou. *(Vai-se).*

D. Fuas.—Nize cruel, isso ainda é maior tirannia; escuta-me. *(Vai-se).*

Fagundes.—Vá lá dar-lhe satisfações, que ella é bonita para essas graças. E vossa mercê, senhor rebuçado, a que fim quiz profanar o sagrado d'esta casa?

D. Gilvaz.—A ver o bem, que adoro.

Fagundes.—Vossa mercê está zombando? Aqui não ha quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato, e honra d'esta casa.

D. Gilvaz.—Eu bem vejo o recato, e honra d'esta casa. Que? Aquillo de subir um homem por uma janella, e ir-se para dentro atraz de uma mulher, não é nada?

Fagundes.—Aquelle homem é primo carnal da senhora D. Nize.

D. Gilvaz.—Pois eu tambem quero ser muito conjunto da senhora D. Cloris: ora faça-me o favor de a ir chamar.

Fagundes.—Que diz? A senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris não te enganes; sim, a outra, que anda coberta de cilicios, jejuando a pão, e agua; tire d'ahi o sentido, meu senhor.

D. Gilvaz.—Se a não fores chamar, a irei eu buscar.

Fagundes.—Ai senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remedio tenho, senão chamá-la, antes que o homem faça alguma asneira, que elle tem cara de arremeter. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretaje: basta, que lh'a dê D. Fuas.



D. Cloris *(sahe D. Cloris)*—Senhor, vossa mercê, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

D. Gilvaz.—Eu, senhora D. Cloris, sou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante, que atropellando impossiveis vem, qual salamandra de amor, a abrazar-se nas chammas do seu Alecrim, como victima da mesma chamma.

D. Cloris.—Senhor D. Gilvaz, como entendo, o seu amor só se encaminha ao licito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente, que primeiro não haja de experimentar no crisol da constancia os raios do seu amor.

D. Gilvaz.—Mui pouco conceito fazeis da vossa belleza; pois se antes de admirar essa formosura em occultas sympathias soubestes attrahir todos os meus affectos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorar-vos com tão immovel constancia, que primeiro se moverão as estrellas fixas, que sejam errantes as minhas adorações?

D. Cloris.—Isso é de veras, senhor D. Gil?

D. Gilvaz.—Se eu morro de veras, como hei de fallar zombando?

SONETO

Tanto te quero, ó Clori, tanto, tanto;
  E tenho neste tanto tanto tento,
  Que em cuidar, que te perco, me espavento,
  E em cuidar, que me deixas, me ataranto:
Se não sabes (ai Clori!) o quanto, o quanto
  Te idolatra rendido o pensamento,
  Digam-t'o os meus suspiros cento a cento,
  Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.
Oh! quem pudera agora encarecer-te
  Os exquisitos modos de adorar-te
  Que amor soube inventar para querer-te!
Ouve, Clori; mas não, que hei de assustar-te,
  Porque é tal o meu incendio, que ao dizer-te
  Ficarás no perigo de abrazar-te.

D. Cloris.—Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimação de verdadeiras; que quem tem a lingua tão solta para os encarecimentos, terá preza a vontade para os extremos.

D. Gilvaz.—Como ha de haver experiencias na minha constancia, serão os successos de minhas finezas os chronistas de meu amor. *(Canta D. Gil a seguinte:)*

ARIA

Viste, ó Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do sol?
D'essa sorte, sem desmaios,
Sol, que gira, são teus raios,
E meu peito girasol.
Mas ai, Clori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crisol.

D. Cloris.—Cessa meu bem de encarecer-me o teu amor; já sei são verdadeiras as tuas expressões. Oh! se eu tivera a fortuna, que essas vozes as não levasse o vento, para augmentar com ellas a força de sua inconstancia!



Sevadilha *(sahe Sevadilha)*—E' bem feito! E' bem empregado!

D. Cloris.—O que, Sevadilha?

Sevadilha.—O senhor, que está acordado.

D. Cloris.—Não póde ser a estas horas; não te creio, que és uma medrosa.

Sevadilha.—Fallo verdade, e não minto. *(Canta Sevadilha a seguinte:)*

ARIA

Senhora, que o velho,
Se quer levantar!
Mofina de mim,
Que ouvi escarrar,
Fallar, e tossir!
Senhor, vá-se embora *(para D. Gilvaz)*
Vá já para fóra,
Senão o papão
Nos ha de engolir.

Fagundes.—Ui senhores, isto é cousa de brinco? O senhor seu tio está com tamanho olho aberto, que parece um leão, que está dormindo; deite fóra esse homem, e venha-se agazalhar, que já vem amanhecendo.

D. Cloris.—Pois deitem fóra a D. Gil: meu bem, estimarei, que as suas obras correspondam ás suas palavras. *(Vai-se).*

D. Nize.—Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio está acordado.

*(Sahe D. Nize e D. Fuas).*

D. Fuas *(áparte)*—Ainda o embuçado aqui está? E' para ver! Ah cruel!

D. Nize.—Anda, Fagundes.

Fagundes.—Senhora, que não ha escada, para descerem.

D. Nize.—E aquella por d'onde subio, aonde está?

Fagundes.—Empurrei-a com um homem, que tambem queria subir.

D. Gilvaz *(áparte)*—Devia ser Simicupio.

D. Fuas.—Pois como ha de ser?

Sevadilha.—Não ha mais remedio que saltar pela janella.

Fagundes.—Mas vejam, não caiam no alfuje.

D. Gilvaz *(áparte)*—Em boa estou metido!

D. Fuas.—D'onde está a chave da porta?

Sevadilha.—A chave tem guardas, e está agazalhada no travesseiro do velho, por não dormir numa porta.

D. Lanserote *(dentro)*—Fagundes, venha abrir esta janella, que já vem amanhecendo.

Fagundes.—Eis-aqui vossas mercês o que quizeram!

D. Lanserote *(dentro)*—Fagundes, que faz, que não vem?

Fagundes.—Estou enxotando o gato da visinha: çape gato; senhores, escondam-se aonde for.

D. Nize.—Ai, que desgraça!

D. Lanserote *(dentro)*—Sevadilha, que é isso lá?

Sevadilha *(dentro)*—E' o gato da visinha: çape gato.

Simicupio *(dentro)*—Abram a porta, que se queima a casa: fogo, fogo.

Fagundes.—Ai, que ha fogo na casa! S. Marçal.

D. Nize.—Eu estou morta!

D. Cloris.—Ai, que se queima a casa, que desgraça! *(Sahe).*

D. Fuas.—Peior é esta!

D. Gilvaz.—Ha horas minguadas!

Simicupio *(dentro)*—Abram a porta, que ha fogo, fogo.

Sevadilha.—Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos!

Simicupio *(dentro)*—Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fóra.

● ● ●

*(Sahe Simicupio com uma quarta ás costas, e ao mesmo tempo sahe D. Lanserote em fralda de camiza, e D. Tiburcio embrulhado em um lençol, com uma candeia de garavato na mão).*

Simicupio.—Fogo, fogo.

Fagundes.—Adonde é, meu senhor.

D. Tiburcio.—Que é isto cá?

D. Lanserote.—Fogo aonde, se eu não vejo fumo?

Simicupio.—Como ha de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

D. Tiburcio.—Aqui me cheira a Alecrim queimado.

D. Lanserote.—Dizes bem: Cloris, accendeste algum Alecrim?

D. Cloris.—Eu, senhor, não... foi... porque sempre...

D. Lanserote.—Cal'te, que eu porei o Alecrim com dono; ha mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos annos.

Simicupio.—Com elle podia vossa mercê apagar este fogo.

D. Gilvaz *(áparte)*—Estou admirado de ver a traça de Simicupio !

D. Tiburcio.—Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

D. Lanserote.—Vede, sobrinho, ainda assim não se entorne o azeite.

D. Nize.—Ai os meus craveiros de Mangerona !

D. Cloris.—Ai os meus olhos de Alecrim !

Fagundes.—Ai a minha canastra !

Sevadilha.—Ai os meus tarequinhos !

D. Lanserote.—Ai a minha burra !

D. Tiburcio.—Ai o meu alforje !

Simicupio.—Ai com tanto ai ! Senhores, aonde é o fogo ?

D. Lanserote.—Vejam vossas mercês bem por essas casas aonde será.

Simicupio.—Entremos, senhores, antes que se atee o incendio.

D. Gil e D. Fuas.—Vamos.

*(Entram Simicupio, D. Fuas, e D. Gil, e logo tornarão a sahir).*

D. Lanserote.—Vereis vós, tramposinha, que fim levà o Alecrim.

D. Cloris.—O Alecrim não tem fim, que nunca murcha. *(Sahem os tres).*

D. Gilvaz.—Não se assustem, que não é nada.

D. Fuas.—Já se apagou, Deos louvado.

D. Lanserote.—Aonde foi ?

Simicupio.—Foi no almofariz, que estava ao pé da isca.

Sevadilha.—Pois eu não fui, o que petisquei.

Fagundes.—Pois eu nem no ferrolho.

Simicupio.—Pois eu ainda estou em jejum.

D. Lanserote.—Ora, meus senhores, vossas mercês me vivam muitos annos pela honra, que me fizeram.

D. Gilvaz.—Sempre buscarei occasiões de servir a esta casa. *(Vai-se).*

D. Fuas.—E eu não menos. *(Vai-se).*

Simicupio.—Agradeça-nos a boa vontade, não mais.

Fagundes.—Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.

D. Cloris *(áparte)*—Eu estou pasmado do successo!

D. Nize *(áparte)*—E eu não estou em mim!

D. Tiburcio *(áparte)*—Ora com licença, meus senhores, que me vou pôr em fresco.

D. Lanserote.—Eu todavia ainda não estou socegado. Vio vossa mercê bem na chaminé?

Simicupio.—Para que vossa mercê descanse de todo, vazarei esta quarta nos narizes d'aquella velha, que são duas chaminés.

Fagundes.—Ai que me ensopou! Senhor, que mal lhe fiz?

Simicupio.—E' dar-lhe a molhadura de certa obra.

D. Lanserote.—Que fez vossa mercê?

Simicupio.—Deixe, senhor; isto é para que se lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente se póde atear por um accidente.

Fagundes.—Vou mudar de camisa. *(Vai-se).*

D. Nize.—Tomara aproveitar os cacos para a minha Mangerona.

D. Lanserote.—Esta advertencia merece esta moça, que é uma descuidada, que por seus desmazellos me deixou furtar um capote.

*(Cantam D. Lanserote, Sevadilha, Simicupio, D. Cloris, e D. Nize a seguinte:)*

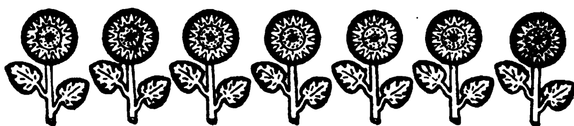
ARIA A 5

D. Lanserote.—Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senão tu verás.

Sevadilha.— Debalde é o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Não é bom sinal.

Simicupio.— Que linda pilhaje,
Num fogo selvaje,
Que lambe voraz.
D. Cloris.— Não sente, quem ama.
D. Nize.— Não temo essa chamma,
Ambas.— Que é fogo de amor.
D. Lanserote.—Cuidado no fogo.
Sevadilha.— Debalde é o teu rogo.
D. L. e Sev.— Que fogo sem fumo
Não é bom sinal.
D. Lanserote.—Sentido, cuidado,
Simicupio.— Que fogo selvage
Todos excepto D. L.—Que é fogo de amor.
Todos.— Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.



# PARTE SEGUNDA

## SCENA I

*Praça. Sahe D. Gil, e Simicupio.*

D. Gilvaz.—Ainda não sei cabalmente applaudir a tua industria, ó insigne Simicupio.

Simicupio.—Nem applaudir, nem agradecer, senhor D. Gilvaz.

D. Gilvaz.—As tuas idéas são tão impossiveis de applaudir, como de agradecer; pois todo o premio é diminuto, e todo o louvor limitado.

Simicupio.—Visto isso, eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrorios; mais obras, e menos palavras; eu quero, que me ajuste a minha conta.

D. Gilvaz.—Para que?

Simicupio.—Para por-me no olho da rua, que serei mais bem visto.

D. Gilvaz.—Simicupio, nem sempre o diabo ha de estar atrás da porta.

Simicupio.—Sim, porque entrará para dentro de casa.

D. Gilvaz.—Cal'-te, que se consigo a D. Cloris com seu dote, e arras, eu te prometto, que andes n'uma boléa.

Simicupio.—Senhor, não me ande com a cabeça á roda com essas promessas; era melhor, que os premios andassem a rodo.

Fagundes *(sahe Fagundes)*—Lá deixo a D. Fuas metido n'uma caixa, para o introduzir com D. Nize em casa sem sustos, como da outra vez; tomara achar um homem, que m'a carregasse.

D. Gilvaz.—Lá vem a velha, criada de D. Cloris.

Simicupio.—Retire-se vossa mercê, e deixe-me com ella.

D. Gilvaz.—Pois eu aqui te espero. *(Vai-se).*

Fagundes.—O' filho, por vida vossa quereis levar-me uma caixa?

Simicupio.—Com que achou-me vossa mercê com hombros de mariola?

Fagundes.—Pois perdoe-me, que cuidei, que era homem de ganhar.

Simicupio.—Todos nesta vida somos homens de ganhar; porém o modo é, que desautoriza.

Fagundes.—Isto não era mais, que levar uma caixa ás costas.

Simicupio.—Pois se não é mais do que isso, entendo que não estará mal a minha pessoa.

Fagundes.—Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

Simicupio.—Mas advirta, que isto em mim não é officio; é uma méra curiosidade.

Fagundes.—Ora Deos lhe dê saude; olhe, ella peza pouco, e vem aqui para casa de D. Lanserote.

Simicupio.—E de quem é a caixa?

Fagundes.—E' minha, que a que eu tinha, toda se desfaz em caruncho.

Simicupio *(áparte)*—Pois esta não se livrará da traça, que intento usar com ella. Vamos, senhora. *(Vai-se).*

Fagundes.—Ande, meu filho. *(Vai-se).*

D. Gilvaz *(sahe D. Gilvaz)*—Aonde irá Simicupio com a velha? O maldito não perde occasião: com seme-

lhante jardineiro não murchará o Alecrim de D. Cloris; porém elle lá vem com uma caixa ás costas.

Simicupio *(sahe Simicupio com uma caixa ás costas; e logo a põe no chão)*—Desencontrei-me da velha, que andará tonta por mim.

D. Gilvaz.—Que é isto, Simicupio?

Simicupio.—Não lhe importe, vá-se enrolando, que se ha de meter aqui dentro, e hei de levar esse corpinho a casa de D. Cloris.

D. Gilvaz.—Isso é quiméra; como posso eu caber ahi?

Simicupio.—Isso não me importa a mim; abata as presumpções, que logo caberá em toda a parte.

D. Gilvaz.—E como havemos abri-la, que está fechada?

Simicupio.—Não sabe, que a irmã gazúa sempre me acompanha? Eu a abro. *(Abre).*

D. Gilvaz.—Esta tramoia é mui arriscada: que tem dentro?

Simicupio.—Eu vejo uns trapos estendidos. Ande, ande, que nos importa a nós.

D. Gilvaz.—Ora vamos a isso: ai Cloris, quanto me custas!

*(Mete-se D. Gil na caixa, e a fecha Simicupio, e logo a põe ás costas, e dentro tambem virá D. Fuas).*

Simicupio.—Não ha de ser má esta encaixação. Arre, o que peza a criança!

D. Fuas.—Ai, que me esmagam os narizes!

D. Gilvaz.—Quem está aqui? Espera, vejamos, o que é.

Simicupio.—O que fôr lá se achará.

D. Gilvaz.—Espera, que isto é traição.

D. Fuas.—Homem dos diabos, não me esborraches.

D. Gilvaz.—Aqui del-Rei, não ha quem me acuda?

Simicupio.—Calle-se, tamanhão, que para boa casa vai. *(Vão-se).*

## SCENA II

*Sala. Sahe D. Tiburcio, e Sevadilha.*

D. Tiburcio.—Sevadilha, agora, que estamos sós, quero-te pedir um conselho.

Sevadilha.—Se vossa mercê acha, que lh'os posso dar, proponha, que eu resolverei.

D. Tiburcio.—Tu bem sabes, que eu vim para casar com uma d'estas duas primas minhas: ambas são bellas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada uma, para que escolha do mal o menos.

Sevadilha.—Senhor, ambas são mui bastantes moças, a senhora D. Cloris é mui perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a senhora D. Nize tem melhor juizo: muito assento, quando não está de levante; grande capacidade; e tanto, que sendo tão rapariga, já lhe nasceo o dente do sizo; porem na condição é uma vibora assanhada.

D. Tiburcio.—Não sei, Sevadilha, o que faça n'este caso.

Sevadilha.—Não casar com nenhuma.

D. Tiburcio.—Pois eu vim cá por besta de páo?

Sevadilha.—Eu digo o que entendo em minha consciencia.

D. Tiburcio.—Oh se pudera eu casar comtigo, Sevadilha, porque só tu me cahiste em graça!

Sevadilha.—Ai, que graça! Diga-me isso outra vez.

D. Tiburcio.—Não zombo, que não está fóra de fazer eu uma parvoice.

Sevadilha.—Não será a primeira.

D. Tiburcio.—Queres tu, que fujamos? Olha, que estou com minhas tentações de te fazer dona de minha casa.

Sevadilha.—Diga-me d'essas, que gosto d'isso.

D. Tiburcio.—Sevadilha, não percas esta fortuna,

Sevadilha.—Quem é a fortuna ?

D. Tiburcio.—Sou eu, que te quero.

Sevadilha.—Se é fortuna, será inconstante.

D. Tiburcio.—Ai, que a moça me falla por equivocos! És discreta.

Sevadilha.—Ora vá-se com a fortuna.

Simicupio *(sahe Simicupio com a caixa ás costas)*—Quem toma conta d'este arcaz ?

D. Tiburcio.—Quem a manda ?

Simicupio.—Uma mulher já de dias grandes, porque era bastantemente velha.

D. Tiburcio.—A mim me mellem, se isto não é já alguma preparação para o casamento.

Simicupio.—Vossa mercê parece, que adevinha, pois para casamento é, segundo ouvi dizer a um terceiro.

D. Tiburcio.—Sabes, o que virá ahi dentro ?

Simicupio.—Cuido, que é um vestido.

D. Tiburcio.—E que tal ?

Simicupio.—Bello na verdade, bordado com uns vivos brancos, e de cores tão vivas, que estão faltando.

D. Tiburcio.—E' de mulher, ou de homem ?

Simicupio.—Tudo o que aqui vem é para mulher.

D. Tiburcio.—Cuidei, que era para mim.

Sevadilha *(áparte)*—Aquelle é Simicupio; elle que carrega a caixa, não é sem causa.

Simicupio *(áparte)*—Sevadilha lá me está deitando uns olhos, que se vão os meus traz d'elles.

D. Tiburcio.—Já te pagaram ?

Simicupio.—Não senhor; mas eu esperarei pela velha.

D. Tiburcio.—Pois, Sevadilha, em que ficamos ? Ajustemos o negocio ?

Sevadilha *(áparte)*—E' boa esta, ouvindo-me Simicupio !

D. Tiburcio.—Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharei os olhos a tudo, só por casar comtigo.

Simicupio *(áparte)*—Tome-se lá, o que estavam ajustando os dous ! Eu lh'o estorvarei.

D. Tiburcio.—Que dizes, rapariga?

Simicupio.—Ah senhor, pague-me o carreto da caixa.

D. Tiburcio.—Espera, que logo vem a velha.

Simicupio *(áparte)*—Sim, pois a moça logo vai.

D. Tiburcio.—Tu ainda és menina, não sabes, o que te convem.

Sevadilha.—Eu não necessito de tutores.

D. Tiburcio.—Olha, que eu sou Morgado na minha terra, e terás tantos, e quantos.

Simicupio.—Senhor, pague-me o carreto da caixa, que não posso esperar.

D. Tiburcio.—Logo, espera: ora, Sevadilha, isso ha de ser, dá-me um abraço.

Simicupio.—Venha o carreto da caixa; é boa essa!

Sevadilha.—E' boa teima!

D. Tiburcio.—Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

Simicupio.—Ora venha já esse carreto, senão tudo vai c'os diabos!

D. Tiburcio.—Espera, homem, ouve, mulher.

Sevadilha.—Vá-se d'ahi, malcreado, aleivoso, maligno; é o que me faltava! *(Canta Sevadilha a seguinte:)*

ARIA

Que um tonto jarreta,
Que um nescio pateta,
Me falle em amor,
Ou é para rir,
Ou para chorar.
  Não cuide em amores,
Que n'esses ardores,
Se póde frigir,
Se póde abrazar. *(Vai-se).*

Simicupio.—Regalou-me esta aria: vou dizer a Sevadilha, diga a D. Cloris, que alli está meu amo, e finjo, que me vou. Senhor, a Deos: eu virei n'outra occasião. *(Vai-se).*



*(Sahe D. Lanserote com um castiçal, e vela aceza, e a porá em cima da caixa, d'onde ao depois se assentarão).*

D. Lanserote.—Sobrinho, vós bem sabeis, que um hospede, passados os tres dias logo fede, como cavallo morto; isto não é dizer; que fedeis, mas vos affirmo, que me não cheira bem essa vossa irresolução, vendo que indeciso ainda não elegestes qual de vossas primas ha de ser vossa consorte.

D. Tiburcio.—Senhor as perfeições de cada uma são tão peregrinas, que vacilla a vontade na eleição dos sujeitos; pois quando me vejo entre Cloris, e Nize, me parece, que estou entre Scylla, e Caribdis.

D. Lanserote.—Pois, sobrinho, resolver, resolver, logo, e já.

D. Tiburcio.—Pois, senhor, se a um enforcado se dão tres dias, eu que no casar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca, quem mal se casa, peço tres dias tambem para me resolver.

D. Lanserote.—Tres dias peremptorios concedo; e para que não hajam duvidas no dote, assentai-vos, e sabereis o que haveis de levar. *(Assentam-se).*

D. Tiburcio.—Isso é tanto, e bom, para que não seja a noiva de contado, e o dote de promettido.

D. Lanserote.—Eu, meu sobrinho, supposto tenha corrido muito mundo, contudo me acho alcançado.

D. Tiburcio.—Isso é bonito!

D. Lanserote.—Primeiramente cada uma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

D. Tiburcio.—Sim, senhor, são muito asseadas, n'isso não ha duvida.

D. Lanserote.—Álem d'isso: estai attento, meu sobrinho, não deis salabancos com a caixa, que isso é manha de bestas. *(Bole a caixa).*

D. Tiburcio.—Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.

D. Lanserote.—Como digo, sabereis, que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Não estareis quieto? *(Bole a caixa).*

D. Tiburcio.—Não sou eu por vida minha.

D. Lanserote.—Não vedes a caixa a saltar?

D. Tiburcio.—E' verdade; será de contente. *(Cahe a caixa com os dous).*

D. Lanserote.—Isto agora é mais comprido.

D. Tiburcio.—E isto é mais estirado.

D. Lanserote.—Ai, quem me acode com uma luz!

*(Sahem D. Cloris, D. Nize, Fagundes, e Sevadilha com luz).*

Todos.—Que succedeo?

D. Tiburcio.—O maior caso, que viram as idades.

D. Lanserote.—Eu, que na maior idade vi o maior caso.

D. Nize.—Pois que foi?

D. Cloris.—Que succedeo, senhores?

Sevadilha.—Que é isto?

Fagundes.—Que foi? Que succedeo? Que é isto?

D. Tiburcio.—Esta caixa.

D. Lanserote.—Esta arca.

D. Tiburcio.—Que em torcicolos.

D. Lanserote.—Que em bamboleios.

D. Tiburcio.—Com pulos.

D. Lanserote.—Com saltos.

D. Tiburcio.—Deitou-me no chão.

D. Lanserote.—No chão me estendeo.

D. Nize.—E' raro caso!

D. Cloris.—E' caso raro!

Sevadilha.—É, não ha duvida: ai, que ella torna a bolir! Fujamos, senhores.

Fagundes *(áparte)*—Valha-te o diabo, D. Fuas, que tão inquieto és!

D. Lanserote.—Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

D. Tiburcio.—Diz bem; abra-se a caixa.

D. Nize *(áparte)*—Ai de mim, que será de D. Fuas!

D. Cloris *(áparte)*—Que será de D. Gil!

D. Tiburcio.—Vá o tampo dentro.

Sevadilha.—Tenham mão, que póde vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

Fagundes.—Ai santo breve da marca!

D. Nize.—Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

D. Lanserote.—Vamo-nos, que a prudencia é melhor, que o valor. *(Vai-se).*

D. Tiburcio.—Pois só não quero ser valente. *(Vai-se, e leva a luz).*

Sevadilha.—Ai! Não sei, que pés me hão de levar? Ande, senhora.

D. Cloris.—Fazes bem em disfarçar até ao depois. *(Vai-se).*

Fagundes.—A caixa parece, que tocou a recolher.

D. Nize.—E não foi o peior o ficarmos ás escuras, que assim terão todos medo de vir aqui: ora abre a caixa, e dize a D. Fuas, que saia.

Fagundes.—Ai a caixa está aberta! Seria com os salabancos: saia, meu senhor, e perdoe o discommodo.

*(Abre a caixa, e sahe D. Gil).*

D. Gilvaz.—O' tu, nocturna deidade, que no caliginoso bosque d'estas sombras brilhas carbunculo da formosura, aqui tens segunda vez no Theatro de tua belleza representante a minha constancia na Tragicomedia de meu amor.

Fagundes.—Senhora, quem ás escuras é tão discreto, que fará ás claras?

D. Nize.—Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas; porém...

D. Fuas *(sahe D. Fuas da caixa)*—Porém o teu engano, falsa, inimiga, segunda vez se repete para meu desengano, e tua afronta.

D. Nize.—Que é isto, Fagundes? Que tramoias são estas?

Fagundes.—Eu estou besta, pois só a D. Fuas meti na caixa!

D. Nize.—Pois como ha aqui outro, fóra D. Fuas?

Fagundes.—Eu não, em minha consciencia, que não é má.

D. Fuas.—Senhora D. Nize, para que são esses fingimentos? Peleje agora com Fagundes, para se mostrar innocente.

D. Gilvaz.—Esta é D. Nize; eu me recolho ao vestuario, até que venha D. Cloris. *(Mete-se D. Gil na caixa).*

D. Nize.—Já disse, senhor D. Fuas, que a minha constancia vive isenta d'essas calumnias.

D. Fuas.—Aqui del-Rei, senhora, quereis, que dê com a cabeça por essas paredes? E' possivel, que ainda intentais negar o que tão repetidas vezes tenho experimentado?

D. Nize.—Senhor, é pouca fortuna de minha firmeza encontrar sempre com accidentes de falsidade.

Fagundes.—Senhor D. Fuas, não cuide vossa mercê que somos cá nenhumas mulheres de cacaracá: mas alli vem gente.

D. Nize.—Recolha-se outra vez, que eu entanto aqui me retiro; anda, Fagundes. *(Vai-se).*

Fagundes.—Senhor, nós já tornamos. *(Vai-se).*

D. Fuas.—Mais á minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

*(Esconde-se D. Fuas na caixa, e sahe D. Cloris).*

D. Cloris.—Que te expozesse D. Gil ao perigo de vir em uma caixa a meu respeito! Ora o certo é, que não ha mais extremoso amante; porém os fumos de Alecrim tem a mesma virtude, que o incenso nos pombos, que

os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará aqui a caixa? Esta supponho que é; já, meu bem, pódes sahir sem susto.

D. Fuas *(sahe D. Fuas da caixa)*—Sim, tyranna, pois já me não assustam as tuas falsidades.

D. Cloris.—Que falsidades? Que dizes? Enlouqueceste, ou ignoras com quem fallas?

D. Fuas.—Contigo fallo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

D. Cloris—Cuido, que não são tantos os encontros, que temos tido.

D. Gilvaz *(áparte)*—Aquella voz é de D. Cloris: estou ardendo com zelos!

D. Fuas.—Já estou desenganado da tua falsidade; já sei, que est'outro amante, que vive encerrado nessa caixa, é o que só merece os teus agrados.

D. Gilvaz.—E como que o merece; pois só elle é digno d'esse favor; e a quem o impedir, lhe meterei esta espada até as guarnições. *(Vai-se).*

D. Fuas.—Vês, ingrata, se é certa a minha suspeita?

D. Cloris.—Eu estou confusa, e não sei a quem satisfaça!

D. Gilvaz.—Ainda continúa, insolente? Não sabe que esta Dama é cousa minha?

D. Fuas.—Já agora por capricho, apesar das suas aleivosias, hei de dar a vida por *mi* dama.

D. Cloris.—Senhores, que desgraça!

D. Gilvaz.—Se não estivera ás escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

D. Fuas.—Pois se não fôra a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda assim, eu vou dando, dê d'onde der.

D. Cloris.—Senhores, dêem de manso, não o ouça meu tio.

*(Cantam D. Fuas, D. Gil, e D. Cloris a seguinte:)*

ARIA A 3

D. Gilvaz.— Se não fora por não sei que,
Te matara mesmo aqui.
D. Fuas.— Se não fôra o velho alli,
Te fizera um não sei que.
D. Cloris.— De mansinho, pouca bulha.
Cal'te gralha, cal'te grulha,
Porque o velho ha de acordar.
D. Gilvaz.— Pois aqui mui mansamente.
Matarei este insolente.
D. Fuas.— Tambem eu pela callada
Meterei a minha espada.
D. Cloris.— De vagar, não dêem de rijo,
Porque o velho ha de acordar.
Todos.— Quem pudera em tanta luta
Sua dor desabafar!
D. F. e D. Gil.—Se não grito neste caso,
Sou capaz de rebentar.
D. Cloris.— Mais que estallem, e arrebentem,
Não se ha de aqui fallar.
Todos.— Não se póde isto aturar! *(Vão-se)*



*(Sahe Simicupio pela mão de Sevadilha).*

Simicupio.—D'onde me levas, Sevadilha?

Sevadilha.—Ande, não me faça preguntas.

Simicupio.—Não ha uma candeia nesta casa, que se me meta na mão, que estou morrendo por te ver?

Sevadilha.—Melhor fineza é amar por fé.

Simicupio.—Como, se eu não dou fé de ti?

Sevadilha.—Ande, que o amor se pinta cego.

Simicupio.—Muito vai do vivo ao pintado.

Sevadilha.—Assim estamos mais á nossa vontade.

Simicupio.—Andar!... supponho, que tenho o meu amor na Noroega: mas ainda assim isto de estar ás

escuras, não é grande cousa para um homem dizer á sua Dama quatro hyperboles, pois se não vejo, como poderei dizer-te, que és estatua de alabastro sobre plintos de jaspe, neve vivente, e racional sorvete, mas só carapinhada, pois negra te considero nesta Ethiopia: oh negregada occasião, em que por falta de uma candeia não sahe á luz a tua formosura!

Sevadilha.—Pois o fogo de teu amor não basta para allumiar esta casa?

Simicupio.—Se a luz excessiva faz cegar, tambem a minha chamma por excessiva não allumia; mas contudo isto não nos metamos no escuro; fallemos claro: como estamos nós d'aquillo, que chamamos amor?

Sevadilha.—E como estamos nós do malmequer, que esse é o ponto?

Simicupio.—Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundação de meu pranto.

Sevadilha.—E teu amo com o Alecrim?

Simicupio.—Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê, lhe parece que é Alecrim; est'outro dia estava teimoso, em que havia de cear sellada de Alecrim, mais que o levasse o diabo. Olha, para contar-te as loucuras, que faz, assentemo-nos, que isto se não póde levar de pé.

*(Assenta-se Simicupio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cahe dentro da caixa, que se fechará com a dita queda).*

Simicupio.—Mas ai, Sevadilha, que cahi num poço sem fundo!

Sevadilha.—Aonde estás, Simicupio?

Simicupio.—Não sei aonde estou; só sei, que estou aqui.

Sevadilha.—Aonde é aqui?

Simicupio.—E' aqui.

Sevadilha.—Aqui aonde?

Simicupio.—E' boa pregunta! Eu sei cá donde são os aquis na casa alheia? Sei, que estou aqui num fole como criança, que nasce implicada, mas sem ventura.

Sevadilha.—Pois sahe dahi, e anda para aqui.

Simicupio.—Isso é, se eu soubera ir daqui para ahi.

Sevadilha.—Quem te impede?

Simicupio.—Estou entupido.

Sevadilha.—Dá dous espirros.

Simicupio.—Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro della. Ora filha, tira-me daqui, tu não ouves?

Sevadilha.—Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

Simicupio.—Busca-me fóra de mim, porque não estou dentro em mim, metido nesta sepultura, donde só campa por infeliz a minha desventura.

Sevadilha.—Cal'te, Simicupio, que ahi vem gente com luzes; a Deos até logo. *(Vai-se).*

Simicupio.—Estou no mais apertado lance, que ninguem se vio!



*(Sahe D. Lanserote com uma luz, e D. Tiburcio).*

D. Lanserote.—Apuremos este encanto. Sobrinho, nós havemos ver, o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabello se arripie.

D. Tiburcio.—Se fôr cousa desta vida, ficará sem ella, e se fôr da outra, a mandarei para o outro mundo.

D. Lanserote.—Pois sobrinho, abri essa caixa com intrepido valor.

D. Tiburcio.—Abra vossa mercê, que é mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. Lanserote.—Deixai cumprimentos, que a occasião não é para ceremonias.

D. Tiburcio.—Por nenhum modo; não tem que se cansar, que lhe não quero tirar gloria desta empreza.

D. Lanserote *(áparte)*—O magano contralogrou-me; pois eu confesso, que estou tremendo de medo.

D. Tiburcio *(áparte)*—Queria arrumar-me o gigante? E' bem esperto.

D. Lanserote.—Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?

D. Tiburcio.—Vá, não haja cumprimentos, que eu sou de casa.

D. Lanserote.—Não ha mais remedio, que ir eu em corpo, e alma, a ver esta alma sem corpo, ou este corpo sem alma. Deos vá comigo, Anjo da minha guarda, e todo o *Flos Sanctorum* me defenda.

D. Tiburcio.—Ande tio, não tenha medo, que eu estou aqui.

D. Lanserote *(áparte)*—Pois se não fôra isso, já eu deitava a correr.

Simicupio.—Ai! Que sem duvida estou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentam reconhecer: eu lhes tocarei a caixa.

*(Chega-se D. Lanserote á caixa, e tanto que a abre, deita Simicupio a cabeça de fóra, e dá um assopro na véla).*

D. Lanserote.—O' tu quem quer que és, que estás nesta caixa: mas ai, que me apagaram a véla com um assopro!

D. Tiburcio.—Assopra!

Simicupio.—Mui fraca era aquella luz, pois de um assopro a derribei.

D. Lanserote.—Sobrinho, vós estais ahi?

D. Tiburcio.—Como se não estivera.

D. Lanserote.—Quem seria o cruel, que tão aleivosamente matou uma innocente luz a assopros frios?

Simicupio.—Deos lhe perdoe, que era uma luz a todas as luzes boa: mas eu quero çafar-me daqui, e temo marrar de narizes com alguem; mas que remedio?

D. Lanserote.—Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho? Ide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.

D. Tiburcio.—Veja vossa mercê como chama cobarde?

D. Lanserote.—Calai-vos, abobora, que degenerais de quem sois.

D. Tiburcio.—A mim abobora?

Simicupio.—Agora é boa occasião de ir-me; porque ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros: lá vai o primeiro. *(Dá).*

D. Lanserote.—O' mal ensinado, pondes mãos violentas em vosso tio?

Simicupio.—Eu abrirei caminho desta sórte, dando a-trouxe-mouxe. *(Dá).*

D. Tiburcio.—E' boa essa, senhor tio, assim se dá num barbado?

D. Lanserote.—Calai-vos, maganão, que não haveis de casar; mas ai, que me déstes uma bofetada com a mão aberta! Aqui del-Rey sobre este magano de meu sobrinho! *(Vai-se).*

D. Tiburcio.—Aqui del-Rey sobre este caduco de meu tio! *(Vai-se).*

Simicupio.—Aqui del-Rey que já me deixaram! *(Vai-se).*

## SCENA III

*Camera. Sahe D. Gil, e D. Nize.*

D. Gilvaz.—Senhora D. Nize, se acaso em vossa piedade póde achar amparo um desgraçado, peço-vos, que me occulteis; pois já a rubicunda Aurora em risonhas vozes nos avisa da chegada do Sol, assim a vossa Mangerona se veja coroada de louro no Capitolio do amor.

D. Nize.—Já o Alecrim pede favores á Mangerona?

D. Gilvaz.—Se D. Cloris não apparece, que quereis que faça?

D. Nize.—Pois escondei-vos nessa alcova, enquanto a vou chamar.

*(Esconde-se D. Gil, e sahe D. Fuas).*

D. Fuas.—Aonde vás, tyranna? Procuras acaso o teu amante? Oh! murcha seja a tua Mangerona, que como planta venenosa me tem morto.

D. Nize.—Homem do demonio, ou quem quer que és, que em negra hora te vi, e amei, que desconfianças são essas? Que amante é esse, com quem me andas aqui apurando a paciencia, e sem que, nem para que, descompondo a minha Mangerona?

D. Fuas.—Pois quem era aquelle, que sahio da caixa a dizer-te mil colloquios?

D. Nize.—Que sei eu quem era?... salvo fosse... mas retira-te, que ahi vem gente.

D. Fuas.—Esconder-me-hei adonde fôr.

*(Quer esconder-se onde está D. Fuas).*

D. Nize *(áparte)*—Não te escondas ahi. Ai de mim, que se D. Fuas vê a D. Gil, fará o seu ciume verdadeiro!

D. Fuas.—Não queres, que me esconda ahi? Agora por isso mesmo.

D. Nize.—Tem mão, adverte...

D. Fuas—Qual adverte? Tens ahi acaso escondido o teu amante?

D. Nize.—Não, D. Fuas, porque só tu...

D. Fuas.—Que é isso? Mudas de côr?

D. Nize.—Se a côr é accidente, estou para desmaiar, vendo a sem razão, com que me criminas.

D. Cloris *(sahe D. Cloris)*—Nize, que alarido é esse? Queres, que venha o tio, e ache aqui este estafermo?

D. Nize.—São loucuras de um zeloso sem causa.

D. Fuas.—São zelos de uma causa sem loucura. E senão diga-me, senhora D. Cloris, por vida do senhor seu Alecrim, não é para ter zelos ver repetidas vezes a um sujeito procurar a D. Nize com tão repetidos extremos, que uma cousa é vê-lo, e outra dizê-lo; e supponho o tem agora escondido naquella alcova de d'onde me desvia para esconder-me?

D. Cloris.—Isso verei eu, que tambem me importa essa averiguação.

D. Nize *(áparte)*—Cloris, não te canses, que não has de ver quem ahi está. Estou perdida!

D. Fuas.—E' para que veja, senhora, a razão, que tenho. Ai tyranna!

D. Cloris.—Já agora por capricho hei de ver quem ahi está. Vossa mercê é, senhor D. Gilvaz? Que é isso? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de D. Nize?

D. Gilvaz.—Ha caso semelhante!

D. Fuas.—Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pretendo a D. Nize, te expões a embaraçar o meu emprego?

D. Gilvaz e D. Cloris.—D. Fuas, para que são esses extremos, quando a senhora D. Nize nem a vós vos offende, nem a mim me corresponde?

D. Fuas.—Ninguem se esconde sem delicto.

D. Cloris.—Ninguem se occulta sem motivo.

D. Nize.—Ora agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerario: é muita verdade; escondi a D. Gil, porque lhe quero bem; pois que temos?

D. Fuas.—Que isto sofra a minha paciencia! Ah ingrata!

D. Cloris.—Que isto tolerem os meus zelos! Ah falso amante!

D. Gilvaz.—A senhora D. Nize está zombando, e aquillo nella é galantaria.

D. Nize.—Não é senão realidade, e tenho dito. *(Vai-se).*

D. Fuas.—Não se vio mais descarado rigor! Espera, cruel, e verás com teus olhos os ultrajes, que faço á tua Mangerona. *(Vai-se).*

D. Cloris.—Senhor D. Gil, venha depressa o meu Alecrim.

D. Gilvaz.—O teu Alecrim é inseparavel de meu peito.

D. Cloris.—Deixemos graças, que eu não zombo.

D. Gilvaz.—Pois entendes, que D. Nize falla de veras?

D. Cloris.—Quer falle de veras, quer não, venha, venha o meu Alecrim.

D. Gilvaz.—De que sórte queres, que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor? *(Canta D. Gil a seguinte :)*

ARIA

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando expira nos incendios
Solicita o mesmo ardor.
Tal, ó Clori, me imagino
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que apeteça o teu rigor.

*(Sahe Simicupio, e Sevadilha).*



Simicupio.—Senhor D. Gilvaz, nunca Simicupio se vio em calças mais pardas.

D. Gilvaz.—Porque?

Sevadilha.—Porque o velho já ahi vem caminhando como uma centopeia.

D. Cloris.—Anda, D. Gil, para dentro, até que haja occasião para sahirem.

D. Gilvaz.—Vás ainda com escrupulos na minha constancia?

D. Cloris.—Cá dentro apuraremos essas finezas. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—O' Simicupio, vê como havemos sahir d'aqui, que bem sabes, que tenho de escrever hoje para o correio. *(Vai-se).*

Simicupio.—Tomara, que o fizessem em postas, e o levasse barzabú ás vinte.

Sevadilha.—E se lhes não dizemos, que vinha o velho, ainda se não iam.

Simicupio.—E ia-se a historia, sem nós fazermos nosso papel de Alfazema por causa do Alecrim.

Sevadilha.—Não me dirás, Simicupio, em que ha de parar toda esta barafunda ?

Simicupio.—Em algum casamento, isso já se sabe ; tomara eu tambem, que me dissesse, em que havemos nós parar ?

Sevadilha.—Em correr, que se paramos aqui, talvez que nos envidem o resto.

Simicupio.—Não embaralhes o sentido, em que te fallo. Ai Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas tambem aos narizes ! E assim não ponhas por estanque os teus favores : antes affavel, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.

Sevadilha.—Quem te meteo esses fumos na cabeça !

Simicupio.—O dó, que tenho de te ver tão matadora.

Sevadilha.—Vai-te d'ahi, que tenho nojo de chegar-me a ti.

Simicupio.—Eu não te mereço, que me descomponhas o carinho, com que te trato. Ai Sevadilha, que sinto assar-me nos espetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos espirros de meu incendio...

Sevadilha.—Se me disseras isso em dous dedos de papel, ainda te crera.

Simicupio.—Não só em dous dedos, mas em toda a mão da solfa, d'onde verás de teu Simicupio as finas clausulas de suas simicopadas. *(Canta Simicupio, espirrando no fim de cada verso, a seguinte :)*

ARIA

Não posso, ó Sevadî...
Dizer-te, o que padê...
Que o meu amor travê...
Num moto continuo me faz espirrar.
Mas se é tafullaria
Este vicio de querer-te,
Toda inteira hei de sorver-te,
Por mais que me veja morrer, e estallar.

*(Vai-se).*

Sevadilha.—Ora Deos o ajude com tanto espirrar.



*(Sahe D. Lanserote, e D. Tiburcio).*

D. Lanserote.—Basta, sobrinho, que não fostes vós, o que me derreastes?

D. Tiburcio.—Pois acha vossa mercê, que havia pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de vossa mercê? Igual eu me podia com mais razão queixar de vossa mercê, que me fez em estilhas.

D. Lanserote.—Eu, sobrinho? Isso é engano; eu havia erguer a mão para vós, quando só as devo levantar ao ceo, para dar-lhe graças, por dar-me para uma de minhas sobrinhas um noivo tão gentil-homem?

D. Tiburcio.—Não vai a dar quebranto.

Sevadilha *(áparte)*—E elle, que é mui bello.

D. Tiburcio.—Pois se nenhum de nós reciprocamente deu um no outro, quem seria?

D. Lanserote.—Eu tambem não posso atinar; o que sei é, que a caixa para nós foi de guerra.

Sevadilha *(áparte)*—E para o noivo de tartaruga do Alentejo.

D. Lanserote.—Sevadilha, anda cá, não o negues: quem andará desta casa, ha um par de noites, que sinto grande reboliço?

Sevadilha.—Senhor, eu tenho para mim, que esta casa ás escuras é assombrada.

D. Lanserote.—Tens visto alguma cousa?

Sevadilha.—Ai senhor, tenho visto tantas cousas, que não me atrevo a dizê-las.

D. Lanserote.—Dize, rapariga.

Sevadilha.—Só em cuidar no que vi, estou para me desmaiar.

D. Lanserote.—Era cousa do outro mundo?

Sevadilha.—Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

D. Lanserote.—Era fantasma?

Sevadilha.—O que é fantasma?

D. Lanserote.—E' uma cousa branca, que põe os olhos em alvo.

Sevadilha.—Senhor, eu não sei o que é; sei sómente, que vi sahir de uma caixa uma cousa como furacão de vento, que me deu muita pancada.

D. Lanserote.—Vêdes, sobrinho? E' o mesmo, que nos succede em carne.

D. Tiburcio.—Na carne aliás.

D. Lanserote.—Aqui não ha outro remedio mais, que çafares logo, e já, e levares vossa mulher com vosco, que eu ponho escritos nas casas, e mudo-me ás carreiras.

D. Tiburcio.—Isso é o verdadeiro.

D. Lanserote.—Sevadilha, vai chamar as raparigas, que venham cá depressa.

Sevadilha *(áparte)*—Genro, e sogro não os vi mais bestas! *(Vai-se)*.

D. Tiburcio.—Para que manda vossa mercê chamar a minhas primas tão depressa?

D. Lanserote.—Logo vereis.

*(Sahem D. Cloris, e D. Nize)*.

Ambas.—Que nos ordenas, senhor?

D. Lanserote.—Sobrinho, ellas ahi estão, escolhei uma das duas para vossa esposa.

D. Cloris.—Eu fiz voto de ser freira, e assim não posso casar.

D. Lanserote.—Pois case D. Nize.

D. Nize.—Eu menos, que quero ser donzella.

D. Lanserote.—Isso não póde ser, que dei a minha palavra, que val mais que tudo.

D. Tiburcio.—Eu já me resolvera a aturar a rispida condição de D. Nize, mas sem receber o dote, não me recebo.

D. Lanserote.—Andai, que sois um impolitico: algum homem, que tem brio, falla em dote?

D. Tiburcio.—E algum homem, que quer dote, attenta em brio?

*(Sahem D. Fuas, D. Gil, e Simicupio vestidos de mulher com mantos).*

Simicupio.—Senhor esta industria nos valha, que para sahir, sempre foi boa uma saia.

D. Gilvaz *(áparte)*—Quem serve a Cupido, não é muito que se afemine.

D. Fuas *(áparte)*—Até nisto mostra o amor, que é cobarde.

D. Lanserote.—Que mulheres são essas, que sahem da nossa alcova?

D. Cloris *(áparte)*—Estou tremendo não se descubra a tramoia.

Simicupio.—Senhor D. Tiburcio, as mulheres honradas, como eu, se não tratam desta sórte.

D. Tiburcio.—Senhora, vossa mercê vem enganada.

D. Lanserote.—Que é isto, sobrinho?

D. Tiburcio.—Eu não sei em minha consciencia.

D. Lanserote.—Senhoras, como entrastes nesta casa?

Simicupio.—Este senhor sobrinho de vossa mercê merecia, que lhe dessem duas facadas, pois sem alma, nem consciencia; depois de o introduzir na minha casa, para casar com uma de minhas filhas, que vossa mercê aqui vê; teve taes ardis, que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas sentir, esta madrugada nos mandou viessemos a esta casa, que disse era

sua, e no cabo sei, que não é, e está para casar com uma sobrinha de vossa mercê. Ah traidor, ladrão, não sei como te não esgadanho, e te arranco essas goellas.

D. Lanserote.—E' notavel caso! Sobrinho desalmado, que é o que fizestes?

D. Tiburcio.—Senhor, eu estou tollo de ver mentir esta mulher!

D. Gilvaz.—Ah falso D. Tiburcio, o Ceo me vingue de tuas falsidades.

D. Fuas.—Ainda nega o magano? Tal estou, que lhe arrancara essas barbas.

Simicupio.—Deixai, filhas, deixai, que ainda no Ceo ha raios, e no Inferno a caldeira de Pero Botelho para castigo de velhacos. Vamos, meninas. *(Vão-se).*

D. Cloris *(áparte)*—Já estamos livres deste susto.

D. Nize *(áparte)*—O criado val um milhão.

D. Lanserote.—Senhor sobrinho, vossa mercê a tem feito como os seus narizes; basta, que vossa mercê é useiro, e viseiro a enganar moças?

D. Tiburcio.—Senhor, eu não conheço taes mulheres.

D. Lanserote.—Se não tendes ontra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo, que por isso dilataveis o casar com vossas primas, fingindo irresoluções, e regateando o dote.

D. Tiburcio.—Senhor, permitta Deos, que se eu...

D. Lanserote.—Não jureis falso; dizei-me, e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem attenção ao decóro de vossas primas?

D. Tiburcio.—Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou tão innocente...

D. Cloris.—Calle-se, tenha juizo; basta, que com esse feitio nos queria lograr?

D. Nize.—E' o senhor sizudo, que não approvava os ranchos de Alecrim, e Mangerona!

D. Tiburcio.—Ora basta, que diga eu, que não conheço taes mulheres.

D. Cloris.—Calle-se, tonto.

D. Nize.—Calle-se, símplez.

D. Cloris.—Basbaque.

D. Nize.—Insolente.

Ambas.—Que? Agora casar? Aqui para traz. *(Vão-se).*

D. Tiburcio.—Senhor tio, dê-me attenção, senão desesperarei.

*(Canta D. Lanserote a seguinte:)*

ARIA

Eis-aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva prompta,
Porta aberta, e casa tonta;
Ah sobrinho! Mas que digo?
Emprestai-me a vossa espada,
Que me quero degollar.
Oh prudencia desgraçada,
Pois não faço uma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

D. Tiburcio.—Que isto a mim me succeda? Não ha homem mais infeliz!

## SCENA IV

*Praça: Sahem D. Gil, e Simicupio.*

D. Gilvaz.—Uma e muitas vezes te considero, Simicupio, prodigioso artifice de meu amor, pois com as tuas máquinas vás erigindo o retorcido thalamo, que ha de ser throno do mais ditoso hymenêo.

Simicupio.—Já disse a vossa mercê, que mais obras, e menos palavras: Simicupio, senhor, já se acha mui cansado, tomara, que me aposentasse com meio soldo, que este officio de alcofa é mui perigoso; que supposto tenha asas para fugir, tambem as asas têem penas para sentir.

D. Gilvaz.—Simicupio, já o peior é passado: acabemos de deitar esta náo ao mar, que então teremos enchentes.

Simicupio.—E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

D. Gilvaz.—Anda, não desmaies, que hoje havemos mostrar ao mundo os triunfos do Alecrim.

Simicupio.—E a Mangerona todavia não menos viçosa com os borrifos de Fagundes.

D. Gilvaz.—Mas a galantaria é, que todas as suas idéas redundam em nosso proveito.

Simicupio.—Ahi é que está a filagrana do jogo, Fagundes a semear, e nós a colher.

*(Sahe Sevadilha com mantilha).*

D. Gilvaz.—Aquella, que lá vem, não é Sevadilha?

Simicupio.—Pelo cheiro assim me parece.

D. Gilvaz.—Que novidade é essa, Sevadilha? Tu só por aqui?

Sevadilha.—Que ha de ser? A maior desgraça do mundo.

D. Gilvaz.—Que? Morreo o velho!

Sevadilha.—Isso então seria fortuna.

D. Gilvaz.—Pois que foi?

Sevadilha.—Foi, que D. Tiburcio com a pena de se ver accommettido de tres mulheres, como vossa mercê sabe, á vista das noivas, e do sogro, tomou tal paixão, que lhe deu esta noite uma colica, e está quasi indo-se por um fio; e assim eu por uma parte, Fagundes, e o galego por ambas, vamos a chamar o medico. A Deos, que me não posso deter.

D. Gilvaz.—Espera.

Sevadilha.—Não posso, que D. Tiburcio está morrendo por instantes.

Simicupio.—Não te canses, que já o achas morto: ande cá, tenha feição, e faça palestra com os amigos.

D. Gilvaz.—Que faz D. Cloris?

Sevadilha.—Não me detenha, a Deos.

Simicupio.—Dize-me primeiro, que tal te pareci em trages de mulher?

Sevadilha.—Não estou para isso, deixe-me ir, que estou depressa.

Simicupio.—Ha tal pressa! Como se estivera alguem para morrer?

Sevadilha.—Não vê, que vou acodir a esta grande necessidade.

Simicupio.—Vai-te, filha; vai-te, não te sofras.

Sevadilha.—Bem puderas tu poupar-me essas passadas, e ir chamar um medico ás carreiras.

Simicupio.—Vai descansada, que eu chamarei o medico.

D. Gilvaz.—Sim, com muito gosto.

Sevadilha.—Ora faça-me esse favor, e a Deos. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Anda depressa, vai chamar o medico.

Simicupio.—Que medico? Cuide noutra cousa.

D. Gilvaz.—Isso é zombaria? Não permitta Deos, que o homem morra por nossa omissão.

Simicupio.—Vamos, que eu, e vossa mercê, havemos ser os medicos na enfermidade de D. Tiburcio.

D. Gilvaz.—Estás louco? Pois nós sabemos medicina?

Simicupio.—Assim como ha Filosofia natural, porque não haverá natural medicina?

D. Gilvaz.—E se o doente morrer por falta de remedio?

Simicupio.—Mais depressa morrerá por muitos remedios.

D. Gilvaz.—E que lhe havemos applicar?

Simicupio.—Tudo o que não fôr veneno; porque o que não mata, engorda.

D. Gilvaz.—Isso é temeridade.

Simicupio.—Vamos, senhor, e Deos sobre tudo.



D. Fuas.—Espera, traidor D. Gil.

Simicupio.—Ai, que isto é alguma espera!

D. Gilvaz.—Que me quereis, D. Fuas?

D. Fuas.—Que metais a mão a essa espada.

D. Gilvaz.—Para que?

Simicupio.—E' boa pregunta! Para que será? E' para fazer alfeloa magana.

D. Fuas.—Vereis, que sabe o meu valor castigar offensas de um amigo desleal; pois sabendo vós, que D. Nize era o idolo da minha veneração, chegastes a profanar o meu culto com os sacrilegos votos de vossos sacrificios, a quem suavisarão os odoriferos halitos da Mangerona.

Simicupio.—Ahi c'os diabos!

D. Fuas.—E assim metei a mão a essa espada, para que se conserve D. Nize, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.

Simicupio.—Senhor, aqui não é logar de desafios, vamos para val de cavallinhos a jogar os couces.

D. Gilvaz.—D. Fuas, estais louco? Vêde, que sem causa é a vossa queixa.

D. Fuas.—Não quero satisfações, vamos puxando.

Simicupio.—Este homem vem puxado.

D. Gilvaz.—Pois para que vejais, que o satisfazer-vos não é temer-vos...

Fagundes *(sahe Fagundes com mantilha)*—Cé!... ah senhor D. Fuas, uma palavrinha depressa, que importa.

D. Fuas.—Aquella é Fagundes, que me quererá? Esperai, D. Gil, em quanto fallo a esta mulher.

Simicupio.—Senhor, não consinto, ou fallar, ou brigar.

D. Gilvaz.—Deixai mulheres, e brigai, que estou prompto a satisfazer-vos por este modo.

Fagundes.—Senhor, venha já depressa.

Simicupio.—Já vai, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho a um amigo.

Fagundes.—Ande, senão vou-me.

D. Fuas.—Espera, que eu vou.

D. Gilvaz.—Briguemos, D. Fuas.

Simicupio.—Vamos a isso, antes que se acabe a colera.

D. Fuas.—D. Gil, se tendes brio, esperai; que eu venho já. *(Vai para Fagundes).*

Simicupio.—Ora vá de seu vagar, que esta pendencia não é de ceremonia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos é ser mais louco. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Tomo o teu conselho. *(Vai-se).*

Fagundes.—Sim senhor, a casa está revolta; D. Tiburcio nos articulos da morte, e quasi moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e á vista disto póde vossa mercê introduzir-se em casa o mais depressa, que puder, em alguma fórma, que inventar a sua industria, e a Deos.

D. Fuas.—Ouça cá.

Fagundes.—Não posso, que vou á botica.

D. Fuas.—Pois essa ingrata de D. Nize ainda...

Fagundes.—Não estou para ouvir nada.

D. Fuas.—Espere, tome lá esses vintens pelo trabalho.

Fagundes.—Mostre cá depressa.

D. Fuas.—Ora diga-me, pois D. Nize...

Fagundes.—Noutra occasião fallaremos, venha isso depressa.

D. Fuas.—Tome lá: mas diga-me, em quanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...

Fagundes.—Ai, mostre cá, não me detenha.

D. Fuas.—Espere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

Fagundes.—Pois senhor, se a sua bolsa está aferrolhada, a minha lingua está ferrugenta. *(Vai-se).*

D. Fuas.—Muito interesseira é esta velha! Mas adonde está D. Gil? D. Gil? Foi-se o cobarde; mas á fé de quem sou, que as não ha de perder comigo; e tu, ingrata Nize, hoje irei a ver-te disfarçado; que á vista das tuas falsidades é justo, que me revista não só de outro habito, mas tambem de outro affecto. *(Canta D. Fuas a seguinte:)*

ARIA

De um amigo, e de uma ingrata
Offendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh não sei como ainda cabe
No meu peito tanta dor?
Mas sim cabe, porque as penas
Nos estragos repartidas
Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor. *(Vai-se).*

## SCENA V

Camera. *Haverá uma cama, e nella estará D. Tiburcio deitado, assistido de D. Lanserote, D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha.*

D. Lanserote.—O que tarda este medico!

Sevadilha.—Não póde tardar muito; pois me disse, que já vinha.

D. Lanserote.—Como estais agora, meu sobrinho?

D. Tiburcio.—Depois que arrotei, acho-me mais aliviado.

D. Nize *(áparte)*—Vaso máo não quebra.

D. Cloris *(áparte)*—Se fôra cousa bôa, não havia de escapar.

D. Lanserote.—Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro, que havia ser luzido; vós o verieis.

D. Tiburcio.—Outro tanto desejo eu fazer a vossa mercê.

*(Sahe D. Gil, e Simicupio vestidos de medico).*

Simicupio.—*Deo gratias.*

D. Lanserote.—Entrem, meus senhores Doutores.

D. Gilvaz *(áparte)*—Em boa me meteo Simicupio! Eu não sei, o que hei de dizer.

Simicupio.—Qual de vossas mercês é aqui o doente?

D. Lanserote.—E' este, que aqui está de cama.

Simicupio.—Logo me pareceo pelos sintomas.

Sevadilha *(para D. Cloris)*—Senhora, que são Simicupio, e D. Gil.

D. Cloris.—Bem os vejo: Nize, que te parece?

D Nize.—Que faz melhor effeito o teu Alecrim, que a minha Mangerona.

*(Sahe D. Fuas, e Fagundes).*

Fagundes.—Entre senhor Doutor, aqui vem este senhor, que tambem se entende muito bem.

D. Fuas.—Neste instante chego de fóra da terra, quando logo me chamou esta mulher, que viesse ver a um enfermo.

D. Lanserote.—Já era escuzado; porém entre, e sente-se.

D. Cloris.—Nize, D. Fuas compete nas finezas com D. Gil.

D. Nize.—Não me peza.

D. Fuas *(áparte)*—Aquelles são D. Gil, e Simicupio; estou ardendo!

Simicupio *(para D. Gil)*—Ah senhor, não vês a D. Fuas tambem como gente?

D. Gilvaz.—Já sei.

D. Tiburcio.—Ai minha barriga, que morro! Acuda-me, senhor Doutor.

Simicupio.—Agora vou a isso: ora diga-me, que lhe doe?

D. Tiburcio.—Tenho na barriga umas dores mui finas.

Simicupio.—Logo as engrossaremos: e tem o ventre tumido, inchado, e pullulante?

D. Tiburcio.—Alguma cousa.

Simicupio.—Vossa mercê é casada, ou solteira?

D. Tiburcio.—Porque, senhor Doutor?

Simicupio.—Porque os sinaes são de prenhe.

D. Lanserote.—Não senhor, que meu sobrinho é macho.

Simicupio. —Dianteiro, ou trazeiro?

D. Lanserote.—Ui senhor Doutor! Digo, que meu sobrinho é varão.

Simicupio.—De aço, ou de ferro?

D. Lanserote.—E' homem, não me entende?

Simicupio.—Ora acabe com isso: eis-aqui como por falta de informação morrem os doentes, pois se eu não especulara isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe applicava uns cravos, e se fosse varão, umas limas; e como já sei, que é homem, logo veremos o que se lhe ha de fazer.

D. Lanserote.—Eis-aqui como gosto de ver os medicos assim especulativos.

Simicupio.—Pois o mais é asneira: diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

D. Tiburcio.—Tanto como a futura; porque desde que se me acabaram as chouriças, que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a pão, e laranja.

D. Lanserote.—Aquillo são delirios, senhor Doutor.

Simicupio.—Assim deve ser por força, ainda que não queira, pois conforme ao aforismo *Cum barriga dolet, cætera membra dolent.*

D. Tiburcio.—Não são delirios, senhor Doutor, que eu estou em meu juizo perfeito.

Simicupio.—Peior, pois quem diz, que tem juizo, não o tem.

D. Lanserote.—Senhor Doutor, o homem está allucinado, depois que uma fantasma, que sahio de uma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena, que tem tomado de umas moças, que aqui introduzio em casa, enganando-as, de cuja insolencia se me veio aqui a mãi queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

Simicupio.—Ella é muito criada de vossa mercê.

D. Tiburcio.—Deixemos isso; o caso é, que a minha barriga não está boa.

Simicupio.—Cale-se, que ainda ha de ter uma boa barrigada: deite a lingua fóra.

D. Tiburcio.—Ei-la aqui.

Simicupio.—Deite mais, mais.

D. Tiburcio.—Não ha mais.

Simicupio.—Essa bastará: é forte linguado! Tem mui boa ponta de-lingua! Vejam vossas mercês, senhores Doutores.

D. Gilvaz.—A lingua é de prata.

D. Fuas.—Humida está bastantemente.

Simicupio.—Venha o pulso: está intermitente, languido, e convulsivo: ó menina tomou as aguas?

Sevadilha.—Ainda não veio o aguadeiro.

Simicupio.—Pergunto se o doente fez a mija?

D. Tiburcio.—Nesta casa não ha ourinol.

Simicupio.—Pois tome-as, ainda que seja numa frigideira em todo o caso, *quia per orinis optime cognoscitur morbus.*

D. Lanserote.—Ah senhores, grande medico!

D. Nize *(para D. Cloris)*—E D. Fuas como está melancolico!

D. Cloris.—Estará cuidando na receita.

Simicupio.—Ora senhores, capitulemos a queixa. Este Fidalgo (se é que o é, que isto não pertence á medicina) teve uma colorica procedida de paixões internas; porque o espirito agitado da representação fantasmal, e da investida feminil, retrahindo-se o sangue aos vasos linfaticos, deixando exhauridas as matrizes sanguinarias, fez uma revolução no intestino recto; e como a materia crassa, e viscosa, que havia nutrir o succo pancreatico, pela sua turgencia se achasse destituida do vigor, por falta do appetite famelico, degenerou em liquidos: estes pela sua virtude acre, e mordaz, vilicando, e pungindo as tunicas, e membranas do ventriculo, exaltaram-se os saes fixos, e volateis, por virtude do acido alcalino, de

sórte, que fez com que o senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuatur,* disse Galeno.

D. Lanserote.—Eu não lhe entendi palavra.

D. Tiburcio.—Eu morro, sem saber de que.

Simicupio.—Conhecida a queixa, votem o remedio, que eu, como mais antigo, votarei em ultimo logar.

D. Gilvaz.—Eu sou de parecer, que o sangrem.

D. Fuas.—Eu, que o purguem.

Simicupio.—Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficaz é, que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para cima.

D. Tiburcio.—Como é isso de bichas nas meninas dos olhos?

Simicupio—E' um remedio topico; não se assuste, que não é nada.

D. Tiburcio.—Vossa mercê me quer cegar?

Simicupio.—Calle-se ahi; quantas meninas tomam bichas, e mais não cegam.

D. Lanserote.—Callai-vos, sobrinho, que elle medico é, e bem o entende.

D. Tiburcio.—Por vida de D. Tiburcio, que primeiro ha de levar o diabo ao medico, e a receita, que eu em tal consinta. *(Ergue-se).*

Simicupio.—Deite-se, deite-se: o homem está maniaco, e furioso.

D. Lanserote.—Aquietai-vos, sois alguma criança?

D. Nize.—Ora senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é, que os informemos, eu, e minha irmã, de varias queixas, que padecemos.

Simicupio.—Inda mais essa? Ora digam.

D. Cloris.—Senhor, o nosso achaque é tão semelhante, que com uma só receita se pódem curar ambos os males.

D. Nize.—Não ha duvida, que o meu achaque é o mesmo em carne, que o de minha irmã.

Simicupio.—Achaque em carne pertence á Cirurgia.

D. Cloris.—Que como dormimos ambas, se nos communicou o mesmo achaque; e assim, senhor, padecemos umas ancias no coração, umas melancolias n'alma, uma inquietação nos sentidos, uma travessura nas potencias; e finalmente, senhor Doutor, é tal este mal, que se sente, sem se sentir; que doe, sem doer; que abraza, sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

Simicupio.—Basta, já sei, isso é mal Cupidista.

D. Lanserote.—O que é mal Cupidista, que nunca tal ouvi?

Simicupio.—E' um mal da moda.

D. Nize.—Que remedio nos dão vossas mercês?

D. Fuas.—Eu dissera, que o oleo de Mangerona era excellente remedio.

D. Gilvaz.—O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do Alecrim.

D. Fuas.—Ui senhor Doutor, a Mangerona é um excellente remedio.

D. Gilvaz.—Nada chega ao Alecrim, cujas excellentes virtudes são tantas, que para nnmera-las não acha numero o algarismo; e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bemdita.

D. Fuas.—Se entrarmos a especular virtudes, as da Mangerona são mais, que as da erva santa.

Simicupio.—Daqui a pô-la no altar não vai nada.

D. Fuas.—A Mangerona é planta de Venus, de cujos ramos se corôa Cupido, e para o mal Cupidista não póde haver melhor remedio, que uma planta de Venus; pois se notarmos a perfeição, com que a natureza a revestio daquellas mimosas folhinhas, para que todo o anno sejam jeroglifico da immortalidade, aquelle suavissimo aroma, de cuja fragrancia é hidropico o alfato, ella é a delicia de Flora, o mimo de Abril, e a esmeralda no annel da primavera.

Simicupio.—E' verdete; não ha duvida.

D. Nize *(áparte)*—Estou tão contente !

D. Gilvaz—O Alecrim, senhor, pela sua excellencia é titnlar na republica das plantas, cujas flores, depois de serem bella imitação dos ceruleos globos, são a doçura do Mundo nos melifluos osculos das abelhas.

Simicupio.—Todavia a materia é de *apicibus.*

D. Gilvaz.—Elle é a corôa dos jardins; o lenço vegetavel das lagrimas da Aurora; nas chammas é Fenix; nas aguas Rainha; e finalmente é o antidoto universal de todos os males, e a mais segura taboa da vida, quando no mar das queixas assopram os ventos inficionados; e para prova deste systema repetirei traduzido em portugues um epigramma do Proto-Medico Avicena, Poeta Arabico.

SONETO

Um dia para Siques quiz amor
Uma grinalda bella fabricar,
E por mais que buscou, não pode achar
Flor do seu gosto entre tanta flor.
Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quiz por se espinhar,
Ao gyrasol mostrou não se inclinar,
E ao jacintho deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Um verde ramo pretendeo colher;
Tu só me agradas, disse, pois em fim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacintho, gyrasol, rosa, e jasmim.

D. Cloris.—Viva o senhor Doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

D. Tiburcio.—E morra o senhor doente: ai minha barriga !

D. Fuas.—Se versos pódem servir de textos, escute uns de um antagonista desse author a favor da Mangerona pelos mesmos consoantes.

SONETO

Para vencer as flores quiz amor
Settas da Mangerona fabricar:
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor:
O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No gyrasol foi culto o inclinar,
Ais o jacintho deu de inveja, e dor.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirar-se fugido o Alecrim,
Que amor para vingar-se o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo, em fim,
Nem os despojos quiz, por não querer
Jacintho, gyrasol, rosa, e jasmim.

D. Nize.—Viva o senhor Doutor, eu quero o remedio da Mangerona.

D. Lanserote.—Não cuidei, que a Mangerona, e Alecrim tinham taes virtudes. Vejamos agora o que diz o senhor Doutor.

D. Tiburcio.—Que tenho eu com isso? Senhores, vossas mercês me vieram curar a mim, ou ás raparigas? Ai minhas barrigas!

Simicupio.—Callado estive ouvindo a estes senhores da Escola moderna, encarecendo a Mangerona, e Alecrim. Não ha duvida que *pro utraque parte* ha mui nervosos argumentos, em que os Doutores Alecrinistas, e Mangeronistas se fundam; e tratando Dioscorides do Mangeronismo, e Alecrinismo, assenta de pedra e cal, que para o mal Cupidista são remedios inanes; porque tratando Ovidio do remedio *amoris,* não achou outro mais genuino contra o mal Cupidista, que o Malmequer, por virtude sympatica, magnetica, diaforetica, e dioretica, com a qual *curatur amorem.* Repetirei as palavras do mesmo Ovidio.

SONETO

Essa, que em cacos velhos se produz
  Mangerona miserrima sem flor,
  Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
  Todo se abraza por sahir a luz:
Ainda que se vejam hoje a flux
  Desbancar nas baralhas do amor,
  Cuido, que ellas o bollo hão de repor,
  Se não negro seja eu como um lapuz:
O Malmequer, senhores, isso sim,
  Que é flor, que desengana, sem fazer
  No verde da esperança amor sem fim;
Deixem correr o tempo; e quem viver
  Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
  As plantas beijarão do Malmequer.

Sevadilha.—Viva, e reviva o senhor Doutor, e já que é tão bom medico, peço-lhe me cure de umas dores tão grandes, que parecem feitiços.

Simicupio.—Dá cá as pulseiras. Ah perra, que agora te agarrei! Tu estás marasmodica, e impiamatica. Ah senhor, logo, logo, antes que se perpetue uma febre podre, é necessario, que esta rapariga tome uns Simicupios.

Sevadilha.—Simicupios eu? E' cousa, que abomino.

Simicupio.—Eu desencarrego a minha consciencia, e não sou mais obrigado.

D. Lanserote.—Ella não tem querer, ha de fazer o que vossa mercê mandar.

Fagundes.—Eu tambem sou de carne, tenho annos, e tenho achaques.

Simicupio.—Pois cure-se primeiro dos annos, logo se curará dos achaques.

Fagundes.—Não senhor, que este achaque não é annual, é diario.

Simicupio.—Se fôra nocturno, não era máo. Pois que achaque é o seu, senhora velha?

Fagundes.—Que ha de ser? E' esta madre, que me persegue.

Simicupio.—Ui, vossê com esses annos ainda tem madre? E o que será de velha a senhora sua madre! Filha, isso não é madre, é avó.

Fagundes.—Talvez que por isso tão rabujenta me persiga. E que lhe farei, senhor Doutor?

Simicupio.—A uma madre velha, que se lhe ha de fazer? Andar, ponha-lhe oculos, e muletas, e deixe-a andar.

D. Lanserote.—Isto aqui é um hospital, graças a Deos: só eu nesta casa sou são como um pero, a pezar de duas fontes, e uma funda.

Simicupio.—Oh ditoso homem, que vives sem males!

D. Tiburcio.—Senhores, o meu mal devia ser contagioso; porque depois da minha doença todos adoeceram. Ai minha barriga!

D. Lanserote.—Pois em que ficamos?

Simicupio.—Senhor meu, fallando em termos, o doente sangre-se no pé; vossa mercê na bolsa; ás senhoras suas sobrinhas tres banhos; á moça Simicupios; e a velha lancem-na ás ondas, que está damnada.

Fagundes.—Ai que galante cousa!

D. Cloris.—Eu não quero mais remedio, que os fumos do Alecrim.

D. Nize.—E eu os da Mangerona.

Simicupio.—Não seja essa a duvida, ainda que não sou desse voto, contudo cada um é senhor da sua vida, e se póde curar como quizer; lá vai a receita. *(Canta Simicupio a seguinte:)*

ARIA

Si in medicinis
Te visitamus,
Non asniamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *aná*.

Credite mihi,
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

D. Lanserote.—Esperem, senhores, vossas mercês perdoem, lá repartam essa ninharia entre todos, que eu não estou aparelhado senão para um.

Simicupio.—Venha embora, que só este é o verdadeiro simptoma da medicina. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Ai Cloris, que quando o mal é de amor, só o morrer é remedio! *(Vai-se).*

D. Fuas.—Finjo, que me vou, por ver se posso apurar a falsidade de D. Nize. *(Vai-se).*

D. Tiburcio.—Mande-me cerrar este biombo, que vou entrando em um suor copioso, abafem-me bem.

D. Lanserote.—Aqui servia o meu capote: paciencia! vamo-nos, e deixemo-lo suar, ninguem lhe falle á mão. *(Vai-se).*

D. Cloris.—Vamos, Nize, a moralizar os extremos destes amantes. *(Vai-se).*

D. Nize.—Tanto me importa, vamos a regar os nossos craveiros. *(Vai-se).*

Fagundes.—O diabo de Simicupio temo, que me meta em um chinello com seus ardís. *(Vai-se).*

Sevadilha.—E' para ver, se o meu Malmequer tambem entra em restea. *(Vai-se).*

D. Fuas *(sahe D. Fuas)*—Já todos se foram. Quem me dera encontrar a esta tyranna, cruel, falsa, inimiga.

Fagundes *(sahe Fagundes)*—D. Tiburcio fica a suar como um cavallo. Mas ai! Quem está aqui?

D. Fuas.—Sou eu, senhora Fagundes, não se assuste.

Fagundes.—Senhor, que temeridade é essa? Vossa mercê não vê, que ainda é luzquefusque? Como sem deixar anoitecer penetra estas paredes, aonde até o sol entra ás furtadellas?

D. Fuas.—Não reparei, que ainda era dia; pois no abysmo de meu ciume sempre estou ás escuras. Aonde está esta cruel D. Nize?

Fagundes.—Estará no jardim.

D. Fuas.—Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meter-me na caixa a mim, e a D. Gil.

Fagundes.—Vamos, que eu lhe contarei o que foi; ande por aqui com pés de lã. Ai senhor D. Fuas quanto me deve!

## SCENA VI

*Vista de um quintal, em que haverão alguns alegretes; e uma capoeira, e vem D. Gil, e Simicupio descendo por uma corda.*

D. Gilvaz.—Simicupio, deixa-me descer eu primeiro, para que se não quebre a corda com o pezo de ambos. *(Desce).*

Simicupio.—Agarre-se bem á corda, deixe-se escorregar.

D. Gilvaz.—Ora já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com D. Cloris. *(Vai-se).*

D, Lanserote *(sahe D. Lanserote)*—Este quintal é o meu divertimento, e encanto; um homem aqui assentado, e tomando o fresco, não ha maior regalo.

Simicupio.—Agora já poderei descer afoitamente.

D. Lanserote.—Que é isto, que cahe sobre mim? Quem me acode!

*(Ao descer Simicupio cahe sobre D. Lanserote).*

Simicupio.—Não é nada, escarranchei-me no velho cuidando era poial; estou bem aviado! *(áparte).*

D. Lanserote.—Mas que vejo? Aqui del-Rey, ladrões!

Simicupio.—Não o disse eu?

D. Lanserote.—Ladrão, velhacão, tu descendo por uma corda os altos muros de meu quintal? Pois com essa mesma corda te atarei de pés, e mãos, até que amanheça, para entregar-te á justiça.

Simicupio.—E' bem feito, já que eu mesmo dei a corda, para me enforcar.

D. Lanserote.—Dá cá os braços.

Simicupio.—Já está meu amigo? Quer-me abraçar?

D. Lanserote.—Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

Simicupio.—Não tenho febre.

D. Lanserote.—Anda, que atado has de ficar.

Simicupio.—Senhor, por sua vida, que me não ate; basta o enleio, em que me vejo.

D. Lanserote.—Dize, a que vieste a este quintal?

Simicupio.—Ora senhor, ate-me muito embora, mas não me aperte por isso.

D. Lanserote.—Por isso é, que eu te aperto; has de confessar a que vieste.

Simicupio *(áparte)*—Eu estou atado, não sei, o que lhe responda.

D. Lanserote.—Qual foi o fim, que aqui te trouxe?

Simicupio.—A dar fim á minha vida, por dar principio á minha morte por meios desta corda, que falsa me entregou nas mãos de vossa mercê.

D. Lanserote.—Vieste roubar-me, não é verdade?

Simicupio.—Sim senhor, mas foi a roubar-lhe as attenções.

D. Lanserote.—Anda, ladrãosinho, para a capoeira donde ficarás atado.

Simicupio.—Para onde, senhor?

D. Lanserote.—Para a capoeira, até que venha o sol a ser testemunha do teu latrocinio.

Simicupio.—Pois vossa mercê quer encapoeirar-me? Graças a Deos, que não sou cá nenhuma gallinha, mas sabe porque falla? Porque me acha atado, quando não haviamos jogar as cristas.

D. Lanserote.—Anda, ladrão, que aqui ficarás até amanhecer. *(Vai-se).*

Simicupio.—Ora criado senhor Simicupio: já sabemos, que isto é meio caminho andado para a forca; mas é bem feito, que isto a mim me succeda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que elle fôsse gallo, me vejo eu feito gallinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glorias, e eu entre penas; elle voando na esfera de amor, e eu de aza cahida na gemma dos ovos.

Fagundes *(sahe Fagundes)*—Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a sellada de rabos para cearmos; já temperei as gaitas para o gallego; já assei o fricassé; já cozi um guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou uma tonta, esquecia-me o melhor, que é matar uma gallinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

Simicupio.—Eu o estava dizendo; grande desgraça é ser um homem gallinha, pois até de uma mulher tem medo.

Fagundes.—Mas confesso, que não sou para ver sangue, que logo desmaio; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

Simicupio.—Oh mulher! Deos te tire isso do pensamento.

Fagundes.—Qual! Eu sou muito melindrosa, e *fuzilanima;* não tenho valor para matar uma formiga. Ora lá vai a Deos, e á ventura.

Simicupio.—Sem fallencia eu morro de morte gallinhal: não ha mais remedio, que fallar á velha; mas se lhe fallo, é capaz de acordar o cão do velho, que está dormindo, e encerrar-me em parte mais apertada: não sei o que faça; pois tal estou, que se a velha me mata, não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

Fagundes.—Para que é cançar, eu não sou sanguinolenta.

Sevadilha *(sahe Sevadilha)*—Fagundes, o senhor está desesperado por vossê; que faz ahi?

Fagundes.—Já que vieste, matarás uma gallinha, que eu não me atrevo. *(Vai-se).*

Simicupio.—Lá vem a Sevadilha: ora o certo é, que donde a gallinha tem os ovos, ahi se lhe vão os olhos.

Sevadilha.—Aborrece-me gente melindrosa; vejam agora, que dó póde haver de matar um animal? Verão como eu faço isto brincando.

Simicupio.—Não são bons brincos esses, Sevadilha; mas se tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

Sevadilha.—Ai que estamos em tempo, que fallam os animaes! Este pela voz é Simicupio.

Simicupio.—Eu sou, que te fallo de papo; é o teu Simicupio, que está feito simi-gallo.

Sevadilha.—Quem te meteu ahi?

Simicupio.—O velho, por eu ser metediço.

Sevadilha.—Pois como foi?

Simicupio.—Já me não lembra, que eu tenho memoria de gallo.

Sevadilha.—Anda cá para fóra.

Simicupio.—Não posso, sem tu me enxotares daqui.

Sevadilha.—Como não pódes, se eu sei, que muito póde o gallo no seu poleiro?

Simicupio.—Isso seria, se o velho me não desasara.

Sevadilha.—Não sabes o bem, que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás françа!

Simicupio.—Sim, estou françа, porque estou feito gallo.

Sevadilha.—Pois dá-me das tuas pennas para um regalo.

Simicupio.—Pois tu te regalas com as minhas penas?

Sevadilha.—Não, mas folgo de ver-te feito alma em pena.

Simicupio.—Que fará, se souberas, que estou todo coberto de penas vivas? Ora anda, Sevadilha, tira-me de mais penas.

*(Cantam Simicupio, e Sevadilha a seguinte:)*

ARIA A DUO

Sevadilha.—Meu franguinho
Topetudo
Como é galantinho!
Que lindo, que está!
Simicupio.—Minha bella
Malfazeja,
Cahi na esparrella,
Liberta-me já.
Sevadilha.—Coitada da pila,
Pila, pila, pila,
Que te hão de pilar.
Simicupio.—Acode-me, filha,
Que estou ha meia hora
A cacarejar.
Ambos.— Que triste cantar
E' o cacarejar!
Sevadilha.—Mas não te agastes,
Que eu vou-te a soltar.
Simicupio.—Vem já, que não posso
Mais tempo penar.
Ambos.— Que é pena, que é magoa,
Que uma ave de pena
Não possa voar.

Simicupio.—Anda, deita-me pela porta fóra, ainda que seja aos coices. *(Vai-se).*

Sevadilha.—Ora vamos. *(Vai-se).*



D. Fuas *(sahe D. Fuas)*—Para este quintal, ou jardim, ou o que for, me disse Fagundes viera D. Nize a regar a sua Mangerona; mas em quanto ella não vem, me esconderei atrás deste canteiro de Alecrim, pois da Mangerona não quero auxilios, para encobrir-me dos

argentados esplendores da Lua, que tão clara se ostenta esta noite, talvez avisando-me na clara inconstancia de seus raios a variedade de D. Nize. *(Esconde-se da banda do Alecrim).*

D. Gilvaz *(sahe D. Gil)*—Grande temeridade foi a minha, pois sem avisar a D. Cloris, me expuz a penetrar os quartos desta casa, com o perigo de me encontrar D. Lanserote; mas sem duvida Cloris virá a este seu jardim a namorar o seu Alecrim; e assim escondido nas sombras destas plantas... Mas ai que é Mangerona! Perdoa, Cloris, que esta acção foi um acaso; e não eleição. *(Esconde-se da banda da Mangerona.)*

*(Sahem D. Nize, e D. Cloris cada uma pela sua parte com aguadores na mão, regando, e cantando o seguinte:)*

D. Nize.— Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Não só verde estrella,
Mas luzida flor.

D. Cloris.—Alecrim florido,
Que de Abril na esféra
Sois na primavera
Fragrante primor.

Ambas.— Esta pura neve,
Que tributa Flora,
São rizos da Aurora,
E lagrimas de amor.

RECITADO

D. Nize.— Mas que vejo? (Ai de mim!) Quem [arrogante,
Da Mangerona usurpa o ser fragante?

D. Gilvaz.— Quem, ó Nize, escondido amante espera
O Sol, quando adoro nesta verde esfera?
*(Sahe).*

D. Fuas.— Pois traidor, como assim tyrano intentas,
Roubar-me a Nize, que meu peito adora?
*(Sahe).*
E tu falsa inimiga. Mas ai triste,
Que mal a tanta pena a dor resiste!
D. Cloris.— E tu falso D. Gil, que em torpe insulto
Buscas a Mangerona amante occulto,
Deixa-me, fementido...
D. Gilvaz.— Attende, ó Clori,
Que sem causa fulminas teus rigores,
Quando em puros ardores
Nas chammas do Alecrim feliz me abraso.
D. Nize.— Sem motivo, D. Fuas, me criminas;
Porque eu firme...
D. Gilvaz.— E eu constante...
D. G. e D. N.—Fiel te adoro, e te busco amante.

ARIA A 4

D. Gilvaz.— Attende, ó Clori, attende,
Verdades, de quem sabe
Ser firme em te adorar,
D. Cloris.— Suspende, infiel, suspende
Injurias, de quem sabe
Já mais te acreditar.
D. Fuas.— Nize ingrata, infiel amigo,
Cesse a barbara indecencia,
Que a evidencia
Não se póde equivocar.
D. G. e D. N.—Pois tu só querida prenda,
D. F. e D. C.—Já não creio os teus enganos,
D. G. e D. N.—Nas purezas de meu peito
Felizmente vivirás,
D. F. e D. C.— Nos rigores de meu peito
Teu castigo encontrarás.
Todos.— Mas, ó cego amor tyranno,
Como posso em tanto damno
Teu estrago idolatrar?

Fagundes *(sahe Fagundes)*—Já acabaram de cantar? Pois agora entrem a chorar.

D. Cloris.—Porque, Fagundes?

Fagundes.—Porque o senhor seu tio diz, que logo vem ao quintal, affirmando, que ha ladrões em casa, e diz, que se não ha de deitar esta noite, ainda que faça rosa divina.

D. Gilvaz.—Aonde estará Simicupio?

Fagundes.—Não apparece; senhores, escondam-se, e não digam ao depois, que duro foi, e mal se cozeu.

D. Nize.—Metam-se nesta capoeira entre tanto.

D. Gilvaz.—E que remedio, já que Simicupio não apparece?

D. Fuas.—A necessidade sabe unir, a quem se deseja separar. Nize cruel, eu me escondo na capoeira, que só o lugar das penas é o centro de um amante infeliz. *(Mete-se na capoeira).*

D. Gilvaz.—Quem serve a Cupido, ás vezes é leão, ás vezes gallinha. *(Mete-se).*

Fagundes.—Ah senhores não me esmaguem os ovos de uma gallinha, que ahi está de choco.



*(Sahe D. Tiburcio, e Sevadilha).*

Sevadilha.—Senhor, não me persiga: olhem o diabo do homem!

D. Tiburcio.—Ahi no quintal te quero. Mas aqui está Cloris, e Nize, remediarei o negocio. Esta moça faz zombaria de mim; deixa-me tu casar, que eu te porei a caminho.

D. Cloris.—Que é isso, primo? Como estando doente, e tão perigoso, vem a estas horas ao sereno?

D. Tiburcio.—Que ha de ser, se vossês não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo, que não faça as avessas? De sorte, que me fez vestir, e

sahir atrás della, como desesperado das perrices, que me faz.

D. Nize.—Tu não queres, Sevadilha, senão ser descortez a meu primo?

Fagundes.—Vossas mercês não querem crer, que se ha de fazer desta moça a peste, fome, e guerra.

Sevadilha.—Para que estamos com arcas encoiradas? O senhor D. Tiburcio anda-me ao sucario, e não me deixa uma hora, nem instante.

D. Tiburcio.—Cal-t'e, mentirosa.

Fagundes.—Isso tem ella, que levanta um testemunho, como quem levanta uma palha.

D. Cloris.—Não nos importa essa averiguação, só digo, senhor D. Tiburcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui com nosco a estas horas, e que póde vir meu tio, e achar-nos com vossa mercê; que supposto seja primo, e com tentações de noivo, sempre o recato, e decencia se deve conservar; e assim lhe pedimos em cortesia se vá para o seu quarto.

Sevadilha.—Ande, vá despejando o beco.

D. Tiburcio.—Nem eu quizera, que meu tio me achasse aqui por nenhum modo; mas coitado de mim, que elle lá vem! Tomara, que me não visse.

Sevadilha.—Pois esconda-se nessa capoeira.

D. Tiburcio.—Dizes bem.

D. Cloris.—Estás louca, Sevadilha? Meu primo ha de se lá meter numa capoeira? Isso não.

D. Tiburcio.—Não importa, que para conservar o seu recato me meterei na parte mais immunda. *(Entra na capoeira)*.

D. Nize.—Estamos perdidas, que lá se encontra com os dous! Que fizeste, maldita?

Sevadilha.—Eu bem sei o que fiz: verão, que peça lhe prego.

D. Gilvaz.—Este deve ser Simicupio. És tu Simicupio?

D. Tiburcio.—Qual Simicupio? Sou uma simi-bala, para elle: quem está aqui? O' Sevadilha, abre-me a

porta, que eu quero sahir, corra a agua por onde correr.

Sevadilha.—Calle-se, que ahi vem o velho.

D. Fuas.—Que tal me succeda !

D. Gilvaz.—Estou tremendo !

D. Nize e D. Cloris.—Estamos perdidas !



*(Sahe D. Lanserote com uma luz na mão, e Simicupio vestido de ministro com vara na mão).*

Simicupio.—Não se assustem, minhas senhoras, que isto não é mais, que uma diligencia.

D. Lanserote.—Vossa mercê poupe-me o trabalho de o ir procurar de manhã para lhe entregar um ladrão, que tenho prezo naquella capoeira.

Simicupio.—A isso mesmo venho, que já tive, quem disso me avizasse.

D. Nize *(áparte)*—Que será isto ?

D. Cloris *(áparte)*—São infortunios meus.

Fagundes *(áparte)*—Démos com o pé na peia.

Sevadilha *(áparte)*—Folgo por amor de D. Tiburcio.

Simicupio.—Hoje todos hão de mamar o chasco que a ninguem me hei de dar a conhecer. Ora, meu senhor, como foi este caso ?

D. Lanserote.—Supponha vossa mercê, que acabada uma junta de medicos, que vieram assistir a meu sobrinho, sendo já quasi noite, estando eu assentado junto daquella Mangerona, que não me deixará mentir, veio descendo um homem por uma corda, e cuidando, que eu era poial, me poz o pé no cachaço.

Simicupio.—Isso foi o mesmo, que por-lhe o pé no pescoço : não ha maior desaforo !

D. Lanserote.—Assustei-me, não ha duvida, quando me vi daquella sórte opprimido ; mas tornando a mim,

fui sobre elle, e conhecendo, que era ladrão, o prendi nessa capoeira, donde a perspicaz diligencia de vossa mercê saberá melhor obrar, do que eu fallar.

Simicupio.—E como conheceu vossa mercê, que era ladrão ?

D. Tiburcio.—Pela cara, que era a mais horrenda, que meus olhos viram.

Simicupio *(áparte)*—Estou já desenganado, que sou feio.

D. Lanserote.—Ande vossa mercê, e verá.

Simicupio.—Ah sô ladrão, saia cá para fóra.

D. Fuas.—Vossa mercê vem enganado, porque eu *(Sahe)* — ha maior desgraça ! — sou um homem bem nascido.

Simicupio *(áparte)*—E' D. Fuas ; quem me dera ver a D. Gil, que é o que cá me traz.

D. Lanserote.—Senhor, este não é o ladrão, que eu encerrei.

Simicupio *(áparte)*—Já se vê, que este não é tão feio, como vossa mercê diz; vejamos se está lá mais algum ? Oh ! cá está mais outro ; *venite ad cam para fóram !* Ai que é D. Gil ! Já estou descançado.

D. Lanserote.—Tambem não é este o ladrão, que eu aqui encerrei.

D. Gilvaz.—Claro está, que não sou eu, pois eu graças a Deos não necessito de furtar.

D. Lanserote.—E que faziam vossas mercês aqui, se não eram ladrões ?

Simicupio.—Essa inquirição me pertence a mim, que sou juiz privativo desta causa; e vossa mercê, meu amo, não se costume a mentir aos Ministros de vara grossa, dizendo-me, que o ladrão era feio, e horrendo, quando vemos, que estes senhores são mui bem estreados.

D. Lanserote.—Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feio homem, que vi em meus dias.

Simicupio.—Calle-se, não minta, que o hei de mandar carregar de ferros.

D. Lanserote.—Ora senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que assim como achou dous, que eu não meti, talvez, que ache o que eu encerrei.

Simicupio.—Já não tenho mais, que buscar.

D. Lanserote.—Faça-me esse gosto, que póde lá estar ainda mais algum.

Sevadilha.—Isso, que se perde? Veja, senhor doutor.

Simicupio.—Bem sei, que vou debalde, mas eu voú: mas não, entre vossa mercê, que me não quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. Lanserote.—Eu vou, que quèro agora apurar este enigma. Ai, que elle aqui está! Não o disse eu?

Simicupio.—Tragà-o cá para fóra.

D. Lanserote.—Ei-lo aqui. Mas que vejo! Não sois vós, meu sobrinho?

D. Tiburcio.—Eu sou por meus peccados.

D. Lanserote.—Eu estou besta em besta.

Simicupio.—Este sim, que é o ladrão, que tem horrendissima cara; todos tres venham commigo.

D. Nize *(áparte)*—Ai D. Fuas, que estou sem alma!

D. Cloris.—Ai D. Gil, que estou sem vida!

D. Lanserote.—Senhor, advirta, que este é meu sobrinho.

Simicupio.—Por ser seu sobrinho, não póde ser ladrão?

D. Lanserote.—Senhor, elle mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

Simicupio.—Pois acaso elle dorme na capoeira?

D. Lanserote.—Não, senhor.

Simicupio.—Se não dorme, que fazia nella feito *socius criminis* destes dous machacazes?

D. Lanserote.—Sobrinho, a que viestes á capoeira?

D. Tiburcio.—Eu senhor estando...

Simicupio.—Chiton, não me usurpe a jurisdicção; já disse, que estas averiguações só a mim me pertencem: vamos andando *ad cagarronem*.

D. Lanserote.—Não importa; ide sobrinho, que Deos é grande.

D. Tiburcio.—A minha innocencia me livrará.

D. Lanserote.—Como é a sua graça, meu senhor?

Simicupio.—O bacharel *Petrus in cunctis*, juiz de fóra daqui com alçada na vara até o ar.

D. Lanserote.—Pois senhor bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa mercê de caminho, que tambem me furtaram um capote de çaragoça em muito bom uso.

Simicupio.—Capote de çaragoça é caso de devassa: notificados vossas mercês todos para que em amanhecendo venham jurar á minha casa sobre este furto.

D. Lanserote.—E aonde mora vossa mercê?

Simicupio.—Junto a um D. Gilvaz, que mora...

D. Lanserote.—Já sei, eu perguntarei.

Simicupio.—Pois lá estará, quem lhe responda.

D. Gilvaz *(áparte)*—Ai, que é Simicupio! Agora reparo, já estou sem susto.

Simicupio.—Vamos: amanhã todos á minha casa sob pena de prizão. *(Vai-se).*

D. Fuas *(áparte)*—Ai Nize, que as falsidades me pozeram neste estado! *(Vai-se).*

D. Tiburcio.—Tio, trate logo de soltar-me. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Quem não deve, não teme. *(Vai-se).*

D. Lanserote.—Que mal socegarei esta noite, indo prezo meu sobrinho, e não apparecer o ladrão, que eu prendi: não ha homem mais desgraçado! *(Vai-se).*

D. Nize.—Tal estou de sentimento, que até me faltam as lagrimas para o allivio. *(Vai-se).*

Fagundes.—Eis-aqui os Alecrins e Mangeronas: cousas de ervas é para bestas. *(Vai-se).*

Sevadilha.—E de que escapou Simicupio! Tambem alguma alma boa rezou por elle. *(Vai-se).*

D. Cloris.—Ai D. Gil, que a tua desgraça será a causa de minha morte! *(Vai-se).*

## SCENA VII

*Sala, em que haverá um bufete, tinteiro, papel, penna, e cadeiras; e sahem D. Gil, e Simicupio vestido ainda de juiz.*

D. Gilvaz.—Não te perdoo o susto, que me fizeste levar.

Simicupio.—Nem eu o chasco da capoeira, que me fez soffrer.

D. Gilvaz.—E agora, que determinas com essa devassa, que queres tirar?

Simicupio.—Logo verá.

D. Fuas.—E porque não soltas a D. Fuas, e a D. Tiburcio, que estão fechados naquelle quarto escuro?

Simicupio.—Não poderei tambem ter meus segredos, sem que ninguem o saiba? O certo é, que como os trouxemos ás escuras, entendem fixamente, que estão em rigorosa prizão. Mas ahi vem gente, e vossa mercê faça vezes de escrivão.

D. Gilvaz.—Ahi parou uma sege: se serão ellas?

Simicupio.—Lá está quem as ha de encaminhar; *sedete,* que ahi vem subindo a primeira testemunha.

D. Lanserote *(sahe D. Lanserote)*—Senhor, aqui estamos todos a ordem de vossa mercê.

Simicupio.—Venham entrando um a um.

D. Lanserote.—Pois, senhor, lembre-se do meu capote.

Simicupio.—Eu já tenho tomado isso a mim; vá descançado, que eu puxarei bem pela justiça, e farei quanto ella der de si.

D. Lanserote.—Não tenho mais, que dizer. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Homem, tu me tens attonito com as tuas industrias!

Simicupio.—Bem é, que as reconheças: ah senhor, esteja de meio perfil, para que o não conheça D. Nize, que lá vem.

D. Nize *(sahe D. Nize)*—Venho morta : nunca em tal me vi !

Simicupio.—Uma vez é a primeira : sente-se minha senhora, desabafe-se, supponha, que está em sua casa.

D. Nize.—Ai senhor, não sei, que respeito infunde a cara de um juiz, que faz titubear o mais valente coração.

Simicupio.—E mais eu, que pareço um Papiniano assanhado! Diga o seu nome; vá lá escrevendo, senhor escrivão.

D. Nize.—Chamo-me D. Nize Silvia Rufina Fabia Lizarda Laura Anarda, e...

Simicupio.—Basta, senhora; e póde vossa mercê com todos esses nomes ?

D. Nize.—Ainda faltam quatorze.

Simicupio.—Visto isso é vossa mercê a mulher mais nomeada, que ha no mundo. Que idade tem ?

D. Nize.—Quinze annos escassos.

Simicupio.—Liberal andou a natureza : em tão poucos annos tanta perfeição ! E do costume ?

D. Nize.—Não entendo.

Simicupio.—Ponha lá, que do costume jejua. Sabe quem furtou aquelle capote ao senhor seu tio ?

D. Nize.—Presumo, que foi um criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim

Simicupio.—Tenho largas noticias desse criado, e me dizem, que é ardiloso *quantum satis.*

D. Nize.—Isso é pasmar !

Simicupio.—E sabe, se aquelles homens da capoeira seriam ladrões ?

D. Nize.—Não, senhor, porque um era D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

Simicupio.—Diga, não se faça rubicunda.

D. Nize.—Senhor, os ditos homens vieram por causa de amor; e como veio meu tio, se esconderam na capoeira.

Simicupio.—Rapaziadas. Ora ande, vá-se ahi para dentro, e não faça outra: seja sizuda, e virtuosa, que assim manda o direito, *honestè vivere.*

D. Nize.—A' obediencia de vossa mercê. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Homem, acabemos com isso, venha D. Cloris, por quem estou suspirando.

Fagundes *(sahe Fagundes)*—Muito bons dias, meu senhor.

Simicupio.—Chegue-se para cá; olhe para mim, vossa mercê a meu ver tem cara de testemunha falsa, ou eu me enganarei.

Fagundes.—Serei o que vossa mercê quizer.

Simicupio.—Como se chama?

Fagundes.—Ambrosia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

Simicupio.—Isso são nomes, ou alcunhas?

Fagundes.—Será o que vossa mercê for servido.

Simicupio.—Casada, ou solteira?

Fagundes.—Nem casada, nem solteira, assim, assim.

Simicupio.—Assim como?

Fagundes.—E' que tenho o marido no Brasil ha quarenta e sete annos.

Simicupio.—De que annos casou?

Fagundes.—De quarenta justos, que os fui fazer á porta da Igreja.

Simicupio.—Que annos tem?

Fagundes.—Vinte e cinco bem puxados.

Simicupio.—Não é nada, casou de quarenta, tem o marido no Brasil ha quarenta e sete annos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se dahi bebada, falsaria, que a hei de amarrar a uma escada, e deitá-la por essa janella fóra.

Fagundes.—Eu não sei contar, senão pelos dedos: ouça vossa mercê, que eu quero dar a minha quartada.

Simicupio.—A quartada dei eu; ande, não cuide, que se ha de lavar com uma bochecha d'agua; vá-se para dentro.

Fagundes.—Eu vou rebolindo. *(Vai-se).*

D. Gilvaz.—Acaba já com isso.

Sevadilha *(sahe Sevadilha)*—Sou criada de vossa mercê.

Simicupio.—Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a vara, que estou varado. Menina, como é o seu nome?

Sevadilha.—Sevadilha sem mais nada.

Simicupio.—Que annos tem?

Sevadilha.—Sete mui fanados.

Simicupio.—Só sete? Não sois má cartinha para um sete levar. Casada, ou solteira?

Sevadilha.—Estou para casar com um criado daqui do seu visinho D. Gil, que ainda que feio, é mui carinhoso.

Simicupio.—Esse foi o que furtou o capote a seu amo?

Sevadilha.—Esse mesmo.

Simicupio.—Logo é ladrão?

Sevadilha.—E' o vicio, que tem, que se não fôra isso, era um moço perfeito.

Simicupio.—Ai Sevadilha, que esse ladrão...

Sevadilha.—Que tem, meu senhor?

Simicupio.—Nada, nada: e por um triz, que não deponho a judicatura, e perco o juizo; assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

Sevadilha.—Eu não sei escrever.

Simicupio.—Porém sabes muita letra: vai-te ahi para dentro. A rapariga me poz a ver jurar testemunhas.

Sevadilha.—Eu já vi uma cara, que se parecia com a deste juiz. *(Vai-se).*

Simicupio.—Entre quem falta.

D. Gilvaz—Resta D. Cloris; Simicupio, perdoa que hei de fallar-lhe.

Simicupio.—Faça o que lhe digo, e não tenha graças comigo.

D. Gilvaz.—Como estás inchado!

Simicupio.—Se queres ver o villão, mete-lhe a vara na mão.

D. Cloris *(sahe D. Cloris)*—Senhor juiz, logo declaro, que eu de furtos não sei nada, e só que D. Gil foi um dos da capoeira, e está innocente, porque...

D. Gilvaz.—Porque foi preciso obedecer-te, querida Cloris. *(Levanta-se).*

D. Cloris.—Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coração.

D. Gilvaz.—Não te admires dos successos de meu amor, que os influxos do teu Alecrim sabem triunfar dos maiores impossiveis.

Simicupio.—Aliás, que um Simicupio sabe fazer possiveis as maiores difficuldades. Ahi tem, senhor D. Gilvaz, o seu bem de portas a dentro: tenho cumprido a minha palavra, e se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

D. Cloris.—Uma vez, que me vejo em tua casa, não porei mais em contingencias a minha fortuna.

Simicupio.—Isso mesmo; quem disse casa, casa.

D. Lanserote *(sahe D. Lanserote)*—Que é isto, senhor doutor? As testemunhas vem, e não tornam?

Simicupio.—Já está concluida, e sentenciada a devassa.

D. Lanserote.—Quem são os culpados?

Simicupio.—As senhoras suas sobrinhas, que são umas finas ladras.

D. Lanserote.—Minhas sobrinhas ladras? De que sorte?

Simicupio.—Desta sorte; vamos sahindo cá para fóra. *(Vai Simicupio trazendo a todos para fóra, e diz o seguinte):* Porque vistos estes successos, consta, que a senhora D. Nize furtou o coração do senhor D. Fuas, e a senhora D. Cloris o de D. Gil; e assim é de razão, que lh'o restituam, casando com elles; porque no matrimonio se entregam os corações com as vontades.

**D. Fuas.**—Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado desta rara inventiva de Simicupio.

**D. Nize.**—E' de justiça esta acção : que alegria !

**D. Gilvaz.**—D. Cloris, dá-me o coração, que me tens na mão, que te peço.

**Simicupio.**—Isso é fallar com o coração nas mãos. Senhora D. Cloris, case-se, mas não se arrependa.

**D. Cloris.**—Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego, em recompensa do que lhe roubei, se acaso é furto, o que se dá por vontade.

**Simicupio.**—D. Tiburcio tenha paciencia, e pague as custas de permeio com o senhor D. Lanserote, já que foram tão basbaques, que se deixaram enganar de mim. Simicupio, tantos de tal mez, etc.

**D. Tiburcio.**—Senhor tio, seja-lhe para bem, que aqui já não ha para onde appellar.

**D. Lanserote.**—Nem eu me posso aggravar, quando o matrimonio é o ditoso fim destes excessos.

**Sevadilha.**—Quem casa a tantos, porque se não casa a si ?

**Simicupio.**—Não me falles em remoques ; já sei, Sevadilha, que queres casar commigo ; e pois a sentença passou em cousa julgada, demos as mãos, e a boa vontade.

**Sevadilha.**—Oh discreta mão, que escreveu tal sentença !

**Fagundes.**—E que ha de ser de mim, Simicupio, que neste negocio tambem dei minha pennada ?

**Sevadilha.**—Em vindo a frota, virá teu marido.

**D. Gilvaz.**—E pois te consegui, galharda Cloris, publique a fama os vivas do Alecrim, que triunfou de tantos impossiveis.

**D. Fuas.**—Tende mão, que não é justo, que roubeis á Mangerona a parte, que lhe toca no applauso, que merece ; pois á sombra de suas folhas conseguistes muita parte da dita, que possuis.

**Fagundes.**—Isso é verdade, senão diga-o a escada, e a caixa.

**D. Tiburcio.**—Foi boa caixa.

**D. Gilvaz.**—Que importa, que a Mangerona abrisse os caminhos aos favores, se o Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleios?

**Simicupio.**—E senão diga-o tambem o fogo selvaje, a medicina, a ministrisse, e a mãi de duas filhas.

**D. Tiburcio.**—Pois que vai, senhor tio? E' bico, ou cabeça?

**D. Lanserote.**—Paciencia por força.

**D. Cloris.**—Não se póde negar, que venceu o meu Alecrim, pois elle tocou a méta, pondo fim a nossos desejos.

**D. Nize.**—A Mangerona só merece applausos, porque deu principio a esse fim.

**Simicupio.**—Então, visto isso, venceu o Malmequer, pois elle foi o meio entre o principio da Mangerona, e o fim do Alecrim.

**Sevadilha.**—Pois viva o Malmequer.

**D. Gilvaz.**—Tenho dito, venceu o Alecrim.

**D. Tiburcio.**—Se a efficacia das razões não basta a convencer-vos, esta espada fará confessar o triunfo da Mangerona.

**Simicupio.**—Deixe estar a folha, que as da Mangerona não são o Alcorão de Mafoma, para que se defendam á ponta da espada; e pois estou feito juiz, pela authoridade, que tenho, declaro, que ambas as plantas vencerão o pleito, pois cada uma fez quanto poude; e para que se acabem essas guerras do Alecrim, e Mangerona, mando, que os dous ranchos façam as pazes, e se ponha perpetuo silencio nesta materia, sob pena de serem assumptos de minuetes, e andarem por boca de poetas, que é peior que pelas bocas do mundo.

**Todos.**—Pois viva o Alecrim, e viva a Mangerona.

**Simicupio.**—E viva todo o bicho vivo.

**D. Lanserote.**—Vivamos todos, meu sobrinho.

D. Tiburcio.—Essa é a verdade.

Simicupio.—E como não ha triunfo sem acclamação; em quanto o côro não principia a festejar este applauso, coroemos esta obra, com as ramas da Mangerona, e Alecrim.

CÔRO

D. Niz. e D. F.— Viva a Mangerona
Perpetua no durar.
D. Clor. e D. G.—Viva o Alecrim
Feliz no florecer.
Todos.— Viva a Mangerona
Viva o Alecrim,
Pois que um soube vencer,
E a outra triunfar.
D. Niz. e D. F.— No templo de Cupido,
Troféo de amor será.
D. Clor. e D. F.— Nas aras da fineza
Em chammas arderá.
Todos.— Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que um soube vencer,
E a outra triunfar.

FIM.

## MENDES DOS REMEDIOS

| | |
|---|---|
| *Historia da Litteratura Portuguesa desde as origens até á actualidade*, 2.ª ed. muito augmentada, 1 vol. | 1$000 |
| *Introducção á Historia da Litteratura Portuguesa*, 2.ª ed., 1 vol. cart. | 800 |
| *Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa:* | |
| I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manoel de Mello, 1 vol. broch. | 200 |
| II. — Poesias ineditas de D. Thomás de Noronha, poeta satyrico do seculo XVII, 1 vol. broch. | 300 |
| III. — Lusiadas (2.ª ed. annotada, para as escolas) | 400 |
| IV. — Foguetario (poema heroi-comico), de Pedro de Azevedo Tojal | 200 |
| V. — Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança (opera jocosa), de Antonio José da Silva | 300 |
| VI. — Guerras do Alecrim e Mangerona (opera joco-seria), de Antonio José da Silva | 200 |
| *Philosophia elementar*, 1 vol. cart. | 1$200 |
| *Os judeus em Portugal*, 1 vol. broch. | 1$000 |
| *Sousa Martins e a Serra da Estrella*, folh. | 100 |
| *Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V* | 600 |
| *Uma Biblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra* | 200 |